

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FAALC – FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO (MESTRADO) EM ESTUDOS DE
LINGUAGENS

TALITA RIBEIRO MARTINS

**ANÁLISE DE DISCURSOS MACHISTAS REPRODUZIDOS POR MULHERES NO
*FACEBOOK***

Campo Grande, MS
2021

TALITA RIBEIRO MARTINS

**ANÁLISE DE DISCURSOS MACHISTAS REPRODUZIDOS POR MULHERES NO
FACEBOOK**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Linha de pesquisa: Linguagens, Identidades e Ensino.

Grupo de Pesquisa: Corpo, Sujeito e(m) Discursividades (político) midiáticas (SuDiC).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elaine de Moraes Santos.

Campo Grande, MS
2021

TALITA RIBEIRO MARTINS

**ANÁLISE DE DISCURSOS MACHISTAS REPRODUZIDOS POR MULHERES NO
FACEBOOK**

Campo Grande, MS, 25 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elaine de Moraes Santos (presidenta)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Fabiana Poças Biondo Araújo (membro titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Kátia Alexsandra dos Santos (membro titular)
Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná (Unicentro)

Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira (suplente interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Juliana da Silveira (suplente externo)
Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul)

Dedico esta dissertação a todas as mulheres cujas asas do conhecimento foram arrancadas. Às mães jovens forçadas a abandonar os estudos, àquelas privadas de seguir em frente pelos pais e companheiros, a todas aquelas agredidas pela sociedade cisheteropatriarcal e condenadas à segregação. Dedico, também, a todas as pessoas que me ajudaram direta e indiretamente neste doloroso, porém necessário processo de crescimento, mesmo aqueles dos quais os nomes me fogem à memória.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, faltam-me palavras para descrever a emoção de ter chegado até aqui, foram anos de duras batalhas internas e acadêmicas que só foram vencidas por causa dos incentivadores deste projeto pessoal e acadêmico.

Início, de forma justa, com o agradecimento à minha orientadora, professora Dr^a. Elaine de Moraes Santos, por todas as chances de crescimento e exemplos de respeito e amor à profissão docente, além de sua empatia e esforço para comigo sem desistir jamais, mesmo quando tudo apontava o contrário. Ainda não é possível seguir este singelo agradecimento sem antes lembrar-me, também, de sua companheira - pessoa a quem igualmente admiro e respeito, pessoa que, por muitas e muitas vezes, abriu mão de seu tempo em família para que nossa orientadora pudesse dedicar-se a nós orientandos.

Sou grata à minha amiga Valkiria Rodrigues de Oliveira, por ter acreditado em mim mesmo quando nem eu mesma acreditava, desde o Ensino Médio me acompanhando e guardando meus passos e me ensinando sobre o mundo e como ele é, fazendo-se presente quando ninguém mais estava e cruzando a linha tênue entre amizade e família, tornando-se minha mais amada irmã.

Ao meu companheiro Luiz Barros Soares, pelas madrugadas de sono perdidas que nós atravessamos, em sua bicicleta, da cidade de Aquidauana para a cidade de Anastácio para que eu embarcasse no ônibus e chegasse às aulas na capital Campo Grande ainda pela manhã. Sou grata pelas noites que cedeu para acalmar-me durante as crises de ansiedade e depressão, pelo esforço empreendido para que eu pudesse estudar, benefício que lhe foi negado desde muito cedo. Apenas recentemente eu soube das vezes que deixava de comprar alimentos para si, para que eu pudesse me alimentar na universidade.

Aos meus primos Ademilson Ribeiro, Marilene Toledo Mendes e Vanda Ribeiro Adolfo, por me acolherem durante o percurso inicial e aos meus eternos pequenos Bruno, Lia Mara e Vinicius pela companhia indescritível nas tardes inquietas de Campo Grande.

Em especial agradeço aos funcionários administrativos da secretaria acadêmica, da biblioteca e da limpeza da UFMS Campus de Aquidauana, pela preocupação e incentivo dedicados a mim mesmo quando eu não fazia mais parte

do campus, por vezes me ampararam e chamaram a atenção a fim de que eu comesse ou descansasse, vocês não sabem a importância que tiveram no meu percurso. À professora do mesmo campus Facunda Mongelos, pelo apoio financeiro que me ofertou para que comprasse passes de ônibus e pelas sinceras palavras de incentivo e à professora Rejane Aquino, por todas as longas e afáveis conversas compreensivas e esperançosas.

Agradeço aos vários funcionários da limpeza do campus de Campo Grande que foram os primeiros a me estender a mão ainda durante o processo seletivo. Sou grata aos motoristas de ônibus que me amparavam nas vezes em que me perdia na cidade buscando emprego ou até mesmo me oferecendo companhia quando eu perdia o último ônibus para casa de meus primos.

Aos meus colegas de turma sou grata por, num momento de angústia, unirem-se para me socorrer, em especial à Natália e a seu pai que me levaram à rodoviária no último dia de aula, após tomada por grave crise de ansiedade, me acalmaram e me ofereceram compreensão. À Jéssica R. Nascimento e sua família, por todo alimento ofertado a mim durante o período sem bolsa no qual, por vezes, eu não tinha o que comer e por comprarem diversas vezes os meus doces a fim de que eu pudesse continuar a estudar. À secretária do curso Cristina Pavan e à secretária do PPGCOM, pelo apoio todas as vezes que precisei. Sou grata também à Flávia, aluna especial do programa de comunicação de 2019 por ter comprado meus doces para que eu pudesse voltar para casa e não precisasse dormir na rodoviária e também pelo apoio financeiro que consegui de um vereador que me permitiu permanecer em mais três semanas de aula.

Ao Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira, por toda dedicação e incentivo para que eu não desistisse e me orgulhasse e não me esquecesse de minha origem acadêmica e social.

Não poderia deixar de lembrar da família LabRev e SuDiC com seus membros e ex- membros, pelos vários conselhos e apoio indiscutível durante todo o percurso acadêmico, mas principalmente por me fazerem sentir parte de algo maior que um indivíduo, mas sim um grupo, uma família com quem eu pudesse contar. Nenhuma palavra é suficiente para agradecer ao apoio profissional e emocional que destinaram a mim, Adalgisa Aparecida, Ana Beatriz, Ana Paula Saffe, Amanda, Mona Lisa Quintana, Cauê, Valesca Consolaro e Geovana, obrigada pelos sábados,

domingos e feriados de escrita, além dos sorrisos e lágrimas que me ajudaram a segurar.

Por último, toda minha gratidão e amor aos meus padrinhos Gilberto Ribeiro e Marina Ribeiro por me presentear com meus primeiros livros, por me incentivarem desde cedo a leitura, por despertarem em mim a vontade de ir além de qualquer barreira que nossa família já houvesse atravessado, pelas primeiras e mais lindas histórias de superação, responsáveis por me fazer querer o melhor e também por acreditarem em mim sempre. Sou grata também à minha mãe, Maria Socorro Ribeiro. Um mestre de obras, uma mestra cozinheira, por último uma mestra na arte da limpeza, enfim os meus primeiros e melhores mestres.

Aos membros titulares da presente banca, agradeço o tempo e a dedicação dispensados na avaliação deste trabalho. Prof.^a Dr.^a Elaine de Moraes Santos, Prof.^a Dr.^a Fabiana Poças Biondo Araújo e Prof.^a Dr.^a Kátia Alexsandra dos Santos, aos membros suplentes dedico igualmente gratidão Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira e Prof.^a Dr.^a Juliana da Silveira.

À CAPES, agradeço pelo apoio financeiro no último ano sem o qual não seria possível terminar este curso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –
Código de Financiamento 001

EPÍGRAFE(S)

Short, esmalte, saia, mini blusa
Brinco, bota de camurça, e o batom? tá combinando!
Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
Sabe que sabe e já chega sambando
Calça o tênis, se tiver a fim, toda toda
Swag, do hip hop ao reggae
Não faço pra buscar aprovação alheia
Se fosse pra te agradar a coisa tava feia
Então mais atenção, com a sua opinião
Quem entendeu levanta a mão

Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras
Nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser

Sim respeito é bom bom
Flores também são mas não quando são dadas
Só no dia 08 03
Comemoração não é bem a questão
Dá uma segurada e aprende
Outra vez saio e gasto um din, sou feliz assim
Me viro ganho menos e não perco um rolezin
Cê fica em choque por saber
Que eu não sou submissa
E quando eu tenho voz cê grita: "ah lá a feminista! "
Não aguenta pressão arruma confusão
Para que tá feio irmão!

Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser

Não leva na maldade não
Não lutamos por inversão
Igualdade é o " x " da questão, então aumenta o som!
Em nome das marias, quitérias, da penha silva
Empoderadas, revolucionárias
Ativistas, deixem nossas meninas serem super heroínas!
Pra que nasça uma joana d'arc por dia!

Como diria Frida: "eu não me kahlo! "
Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
O grito antes preso na garganta já não me consome
É pra acabar com o machismo
E não pra aniquilar os homens
Quero andar sozinha porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina[...]

(Respeita as mina, Kell Smith)

RESUMO

Em 2018, no Brasil, durante as eleições presidenciais, concepções machistas ganharam força nas redes sociais, manifestando o engajamento de eleitores nas campanhas. A constante repetição dos discursos machistas em diversas esferas sociais do período motivou a realização deste trabalho, que objetiva analisar a apropriação do discurso extremista – feminista e machista – por perfis/avatars apresentados como femininos nas páginas *Jovens de Esquerda* e *Jovens de Direita* no *Facebook*, problematizando regularidades e dispersões, estabelecendo, também, a historicidade e os impactos do efeito bumerangue por e para as mulheres. Para montagem do arquivo, foram utilizados os filtros do próprio *Facebook* na busca pelas palavras “mulher” e “feminismo”. O processo metodológico de descrição- interpretação das sequências discursivas selecionadas como *corpus* levou em conta as condições de produção, com base na perspectiva teórico-analítica da Análise de Discurso de linha francesa. No cumprimento do propósito maior, configuraram objetivos específicos: a) interrogar os efeitos de sentido possíveis no que tange à circulação de discursos machistas por perfis/avatars; b) contribuir com o arcabouço acerca do trabalho com discursividades do/no *Facebook*, enquanto espaço discursivo. No exercício da dominação, do apagamento e do silenciamento do feminino, os enunciados analisados sustentam o licenciamento da interdição das mulheres, quais os discursos (não) permitidos para elas, os locais que (não) podem ocupar e quais ações os seus corpos (não) devem realizar. Os resultados ainda explicitam a manutenção do equívoco conceitual quanto aos feminismos, julgando-os contrários ao machismo, seguida de desumanização, animalização, sexualização e desqualificação profissional do sujeito feminista, bem como de descaracterização de sua espiritualidade. Por uma série de discursos estabilizados a partir de estereótipos sociais, as mulheres continuam sendo caracterizadas sob o prisma do lar, do matrimônio e da imagem de fragilidade, em frequentes tentativas de interromper o exercício livre das capacidades físicas e intelectuais do sujeito feminino.

Palavras-chave: Discursos machistas; Discursos extremistas; Redes Sociais Digitais; *Facebook*.

ANALYSIS OF SEXIST SPEECH REPRODUCED BY WOMEN ON FACEBOOK ABSTRACT

ABSTRACT. In the year 2018, in Brazil, during the presidential elections, sexist conceptions of a society historically constituted by patriarchal ideals gained strength on social networks, showing the voters' engagement in the campaigns. The constant repetition of sexist discourses in various social spheres of such period motivated the realization of this work, which aims to analyze the appropriation of extremist discourse - feminist and sexist - by profiles/avatars performed as female on the pages Jovens de Esquerda (Young people from the left) and Jovens de Direita (Young people from the right) on Facebook, problematizing regularities, dispersions, and also establishing the historicity and impacts of the boomerang effects by and for women. To the construction of the archive, Facebook filters were used in the search for the words "woman", and "feminism". The methodological process of description-interpretation was made by selecting the discursive sequences as corpus and taking into account the conditions of production, based on the theoretical-analytical perspective of French Discourse Analysis. In fulfilling the greater purpose, specific objectives were set: a) to interrogate the possible meaning effects regarding the circulation of sexist discourses by profiles/avatars; b) to contribute to the framework about working with discursivities from/on Facebook, as a discursive space. In the exercise of domination, erasure, and silencing the feminine, the analyzed statements support the licensing of the interdiction of women, which discourses are (not) allowed for them, the places they (cannot) occupy, and what actions their bodies (cannot) perform. The results also show the maintenance of the conceptual misunderstanding regarding feminisms, judging as antonym of sexism, followed by the dehumanization, animalization, sexualization, and the professional disqualification of the feminist subject, as well as the mischaracterization of their spirituality. Through a series of stabilized discourses from social stereotypes, women continue to be characterized through the prism of home, marriage, and the image of fragility, in frequent attempts to interrupt the free exercise of the physical and intellectual capacities of the female subject.

Keywords: Sexist discourses; Extremist speeches; Digital Social Networks; Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Print do Facebook, ambiente de estímulo à publicação</i>	37
Figura 2 – <i>Print da página Jovens de Esquerda</i>	69
Figura 3 – <i>Print da página Jovens de Direita</i>	70
Figura 4 – <i>Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra mulher na página Jovens de Esquerda</i>	71
Figura 5 – <i>Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra feminismo na página Jovens de Esquerda</i>	72
Figura 6 – <i>Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra mulher na página Jovens de Direita</i>	73
Figura 7 – <i>Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra feminismo na página Jovens de Direita</i>	74
Figura 8– <i>Sequência Discursiva I – Postagem feita pela página Jovens de Direita</i>	78
Figura 9 – <i>Sequência Discursiva II – Publicação Jovens de Esquerda</i>	86
Figura 10 – <i>Sequência Discursiva III – Comentário na página Jovens de Esquerda</i>	87
Figura 11 – <i>Sequência Discursiva IV – Publicação na página Jovens de Direita</i>	89
Figura 12 – <i>Sequência Discursiva V – Comentário na página Jovens de Direita</i>	90

LISTA DE TABELAS

Tabela I – Filtros utilizados.....	54
Tabela II – Filtros utilizados.....	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AD	Análise do Discurso de linha francesa
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística
FD	Formação Discursiva
FI	Formação Ideológica
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ME	Ministério da Economia
PT	Partido dos Trabalhadores
PSL	Partido Social Liberal
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PLP	Promotoras Legais Populares do Partenon
SD	Sequência Discursiva
SNMP	Secretaria Nacional de Mulheres do PT
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Unicentro	Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná
Unisul	Universidade do Sul de Santa Catarina

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	17
1 DISCURSO E(M) REDE.....	24
1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	24
1.2 ENTRE (NÓS), COMUNICAÇÃO, REDE, SOCIEDADE E <i>FACEBOOK</i>	26
1.3 A CIENTIFICIDADE DO MÉTODO DISCURSIVO	37
2 QUESTÕES DE GÊNERO.....	44
2.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....	44
2.2 FEMINISMOS.....	45
2.2.1 O antifeminismo e a violência simbólica.....	55
2.2.2 Discursos machistas reproduzidos por mulheres e a violência simbólica.....	58
3 DISCURSOS MACHISTAS, DISPUTA POLÍTICA E REPRESENTAÇÃO DA MULHER.....	61
3.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO.....	61
3.2 A MONTAGEM DO <i>ARQUIVO DISCURSIVO</i>	62
3.3 GESTO DE INTERPRETAÇÃO.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	106
ANEXO 1 – Tabela do Estado da Arte (consulta de dissertações)	107
ANEXO 2 – Tabela do Estado da Arte (consulta de teses)	143
ANEXO 3 – <i>Prints</i> dos comentários – palavra “mulher” na página <i>Jovens de Esquerda</i>	164
ANEXO 4 – <i>Prints</i> dos comentários – palavra “feminismo” na página <i>Jovens de Esquerda</i>	858
ANEXO 5 – <i>Prints</i> dos comentários – palavra “mulher” na página <i>Jovens de Direita</i>	1122
ANEXO 6 – <i>Prints</i> dos comentários – palavra “feminismo” na página <i>Jovens de Direita</i>	1372

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com o mundo globalizado e o avanço da era digital, *hardware* e *software* têm se tornado quase uma extensão do corpo humano, é como se os *hardwares* representassem a extensão física de braços e pernas, enquanto *softwares* fossem uma representação dos neurônios com suas sinapses, mostrando ao corpo as necessidades, vontades e desejos. Isso porque, a todo momento, computadores e celulares (*hardwares*) estão nas mochilas, a caminho da universidade, ou nos bolsos, a caminho de uma reunião de trabalho, mas principalmente, em mãos, sendo teclados incessantemente. Durante 24 horas, tanto os *nativos digitais* (MANOVICH, 2006) quanto os “adaptados” estão conectados a *softwares* que lhes permitem um alcance global de informações sobre moda, tendências, política e últimos acontecimentos de forma quase instantânea.

Essa relação entre as pessoas e a tecnologia tem trazido mudanças também nas redes sociais, uma vez que a interação humana agora é realizada por *avatares* (RECUERO, 2014) em redes sociais *online*. Tudo isso é possível por causa do advento da internet. Ela permite que a comunicação revolucione, abrindo espaço para interesses de grupos sociais e políticos diferentes dos tradicionais, mais abastados, ao contrário do que faziam a televisão e o rádio no repasse de informação de seus jornais, propagandas e entretenimento (INDURSKY, 2017). Quando a internet se torna popular, a circulação de informação passa a receber novas fontes e olhares, ainda mais depois do surgimento, do desenvolvimento e da ascensão das redes sociais *online*, pois o que era algo estático e incontestável, agora se trata também de interação discursiva.

Hoje, são várias as redes sociais em uso: *WhatsApp*, *Instagram*, *Tik Tok*, *Twitter*, *Facebook* entre outras menos populares. O *Facebook* ilustra bem o movimento de evolução anteriormente citado em Indursky (2017). O alcance de uma rede social pode ser avaliado de acordo com o número de adeptos e também pelo *capital social* de seus membros (INDURSKY, 2017). Por *capital social*, entendemos, segundo Penteado (2012, p. 47) que se trata de “[...] um recurso de diferenciamento que cada ator possui dentro de um campo de relações sociais estabelecidas, onde a capacidade de fomentar e cultivar relações conferem a este um maior capital (poder) dentro de seu grupo social”.

A popularização da internet e, posteriormente, das redes sociais *online* fez com que o processo de comunicação que consistia no repasse de informações passasse de limitado para interativo, na medida em que as duas vão além de apenas plataformas de lançamento de conteúdo. Segundo Dias (2005, p. 41), “[...] diante da mudança provocada pelo surgimento da Internet na sociedade, criamos novas formas de relação com o conhecimento, de relação entre sujeitos, de relação com a sociedade, e com a própria materialidade do discurso.”

Sendo assim, o intenso movimento discursivo dentro da rede, mais especificamente no *Facebook*, o torna um terreno fértil para observação do objeto teórico da AD – Análise de Discurso francesa, o discurso. A plataforma do *Facebook*, como outras redes sociais, dissemina e reproduz informações como notícias, propagandas e entretenimento (em textos, fotografias, vídeos e memes) provenientes de diversas páginas de conteúdo, cada uma com sua carga ideológico-discursiva.

A impossibilidade de um “apagamento integral” dos diversos conteúdos provém do fato de que tanto textos escritos como visuais não se auto-criam, mas partem de um sujeito ordinário feminino, na função de comunicadora. Sendo assim, partindo do pressuposto de que nenhum discurso é neutro, no âmbito das redes sociais, há um cruzamento de discursos tanto de sujeitos historicamente marginalizados como os negros, indígenas e LGBT, como dos movimentos contrários a eles na sequência, como os de racistas e/ou nazistas, fazendeiros/latifundiários e homofóbicos, por exemplo. Coexiste, também, a circulação de discursos de movimentos totalmente diferentes, como os feministas e os machistas, mas que são tidos pelo senso comum como antônimos (noções discutidas em meu capítulo sobre gênero).

A partir das observações realizadas em meio ao meu cotidiano familiar, na sociedade (brasileira) e nas redes sociais *offline* e *online* (comunidade e do *Facebook*) das quais faço parte, desenvolvi um olhar crítico acerca das perspectivas do papel social feminino estabelecido. Só em 2017, os questionamentos deram início a estudos que, a princípio, buscavam apenas delimitar fatores que levavam as mulheres oprimidas pelos discursos machistas e ditos do senso comum a oprimir também outras mulheres em adesão à mesma formação discursiva. Segundo Pêcheux (1988, p. 163), a “[...] interpelação do sujeito em seu discurso se efetua

pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, isto é, na qual ele é constituído como sujeito”.

Além disso, tencionava identificar os aparatos fornecidos pela rede social e usados como veículo para a reprodução dos discursos. Percebi, então, que a apropriação feminina de discursos machistas era resultante da historicidade de uma sociedade tradicionalmente conservadora e machista.

Entendi que, dentro da rede social, os discursos eram utilizados em função da defesa da ideologia machista. O trabalho parecia terminado¹, mas, com o contexto político de “mudança” em que o país se encontrava, devido às eleições presidenciais de 2018, senti a necessidade de ampliar a temática, delineando o objeto de pesquisa para seu aprofundamento no curso de Mestrado. Consequentemente, igual processo ocorreu com o objeto teórico, ficando impossível dissociar discurso machista e redes sociais do contexto político vigente.

No dia 31 de agosto de 2016, a presidenta eleita Dilma Rousseff, do PT, sofreu um golpe que a destituiu de seu cargo do governo, para Michel Temer assumir em seguida. A situação do país era instável, tanto no âmbito político e social, como nas relações internacionais. Aqui, o povo se dividia entre os que acreditavam que uma “justiça” havia sido feita e os que clamavam por justiça. A onda de descontentamento da população continuou a crescer até o fim do mandato devido às decisões impopulares do governo, mas não foi só isso que cresceu.

Dentro das redes sociais, os discursos de ódio em relação à pessoa da presidenta Dilma eram frequentes, porém os discursos que relacionavam sua “incapacidade” de governar com o fato de ela ser mulher tomaram proporções alarmantes: as mulheres comuns foram igualmente atacadas, pois os memes² e as imagens ofensivas colocavam em xeque sua capacidade de dirigir, gerir e realizar funções consideradas socialmente masculinas tanto em casa como no trabalho.

Houve, enfim, um licenciamento para que acontecesse um retrocesso discursivo acerca da capacidade intelectual da mulher em relação ao homem. Tal

¹ A pesquisa a qual me refiro se trata do meu Trabalho de Conclusão de Curso, utilizado como quesito parcial na aprovação do curso de Letras/Literatura na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul campus de Aquidauana, que intitulei “A OPRIMIDA/OPRESSORA: Discurso Machista e Ditos do Senso Comum Reproduzido por mulheres na Rede Social Facebook”.

² A noção de meme, cunhada por Richard Dawkins, no livro “O Gene egoísta”, de 1976. No estudo, o autor coloca em comparação as evoluções cultural e genética, de forma que o meme representa uma espécie de “gene” da cultura, perpetuando-se via replicadores, as pessoas. Na pesquisa, ainda se sobressaem enfoques nos modos de difusão da informação e nas ideias com maior potencial de circulação.

licenciamento ocorreu a partir da generalização, causada pelo fato ocorrido com uma única mulher, mas que representava a todas, já que ocupava um lugar de autoridade. O contexto político de “mudança” ao qual me refiro soma-se ao período referente ao pleito eleitoral de 2018, pois novamente as mulheres se viram na mira dos ataques. Desta vez, causados pelo que chamei, a seguir, de um discurso de encorajamento.

No segundo semestre do ano de 2018, momento correspondente à efetivação da corrida eleitoral, observei um grave retrocesso no que diz respeito aos discursos da sociedade acerca de conquistas de grupos sociais historicamente marginalizados (não só acerca das mulheres). Também entendi que esse retrocesso tomou força a partir de um “discurso do encorajamento”, no caso, os vários discursos intolerantes de um dos candidatos, de grande repercussão midiática, que foi fundamental para aceitação e disseminação de ideais simpatizantes.

Muitas comunidades foram atingidas pelo retrocesso e entraram em questionamento: os negros com sua cota racial em concursos e universidades; o direito do indígena a reaver suas terras; e também as mulheres com suas conquistas fomentadas por movimentos feministas mundiais, como o direito à licença maternidade, além de lutas ainda em processo de aquisição, como a busca pelo salário igualitário para homens e mulheres exercendo a mesma função. A partir de Hooks (2018, p. 10), o Feminismo é entendido neste trabalho como “[...] movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”.

Devido à crescente aceitação e apropriação de discursos machistas e ditos do senso comum pelos avatares da comunidade feminina, tornou-se necessário empreendimento neste estudo, acerca dos “discursos-bumerangue”, ou como o nome já sugere, aquela “arma” que, ao ser lançada, retorna ao local de partida, não de forma controlada, mas se tornando destrutivo. O termo “discursos-bumerangue” foi cunhado por mim ainda na fase de elaboração do pré-projeto de mestrado, onde eu pressupunha que a produção de discursos sexistas por mulheres se tornaria, em algum momento, nociva à própria comunidade feminina, uma vez que, partindo delas mesmas, poderiam reforçar e legitimar a opressão dos discursos machistas.

O discurso machista tem sido bastante discutido nas diversas esferas acadêmicas. No ano de 2016, a dissertação realizada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), intitulada “A mulher ‘na boca do povo’ – os ditos no

discurso do senso comum”, de Vicentina dos Santos Vasques Xavier, analisou o funcionamento discursivo dos ditos do senso comum, encontrados em paracheques de caminhão, placas de bares e restaurantes à beira da estrada, dentre outras sequências discursivas (comuns também na internet). Em todos esses casos, conforme a autora, os dizeres são tomados como “piada” pela sociedade. Diferentemente desse estudo, o que venho discutir é não apenas a formulação desses discursos, ou dos ditos do senso comum, mas os efeitos de sentido da apropriação de tais discursos pelas mulheres.

Levando em consideração o poder da palavra, tornou-se preocupante o retrocesso acerca das conquistas obtidas por classes sociais marginalizadas historicamente e o crescente apoio popular ao mesmo. Apesar de que todos os casos são vistos com o mesmo olhar de seriedade, a pesquisa toma aqui a comunidade feminina como foco.

No ano eleitoral de 2018, como já ponderado, a acentuação de falas voltadas à segregação social partiu de um “discurso de encorajamento”. No *Facebook*, páginas passaram a investir na circulação de memes que perpassam pelos discursos extremistas-machistas e, em resposta aos mesmos, investiram também em discursos “extremistas-feministas”, ou seja, aqueles que levavam os princípios do feminismo ao extremo, porém, deve-se levar em conta que este último, em geral, traz um significado deturpado do que são os movimentos feministas (conforme discuto no capítulo 2).

“Discursos-bumerangue” ou aqueles que voltam para o enunciador, ou até contra ele, importam porque a repetição de um discurso pode vir a torná-lo padrão, à medida que a historicidade o alcança. Como exemplo, retomo a expressão retirada do samba lançado em 1942, escrito por Mário Lago e Ataulfo Alves, além de gravado por nomes consagrados como Roberto Carlos: “Amélia que era mulher de verdade”. O trecho em questão é constantemente empregado na sociedade brasileira para demonstrar o que seria uma mulher socialmente ideal, aquela que lava, passa, cozinha, é submissa ao marido e nunca reclama, sendo, assim, um exemplo vivo da historicidade a que me refiro quando situo o funcionamento de um discurso-bumerangue.

Tomando por base os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa, alicerçada nos estudos de Michel Pêcheux, esta pesquisa tem

por objetivo geral analisar a apropriação do discurso extremista – feminista e machista – por perfis/avatars apresentados como femininos nas páginas do *Facebook Jovens de Esquerda*³ e *Jovens de Direita*⁴. Para o recorte necessário, tomo o ano eleitoral de 2018, sobretudo depois de oficializada a candidatura de Jair Messias Bolsonaro, candidato pelo PSL (até aquele momento) que foi eleito presidente.

Considerando as condições de produção do pleito presidencial, uma investigação que tome interações em rede social torna possível que sejam observadas as movimentações sociais, como regularidades e dispersões nos discursos, daí a importância do *Facebook* (redes sociais) para as pesquisas acadêmicas, uma vez que possam ser eficazes influenciadores de movimentos sociais, configurando, portanto, um instrumento poderoso na promoção de acontecimentos discursivos que promovem a escrita da história no país.

No cumprimento desse propósito, configuram objetivos específicos: a) interrogar os efeitos de sentido possíveis no que tange à circulação de discursos machistas por perfis/avatars; b) contribuir com o arcabouço teórico-metodológico acerca do trabalho com discursividades do/no *Facebook*, enquanto espaço discursivo.

O percurso seguido pela dissertação consistirá em, no capítulo 1 *Discursos e(m) rede*, fazer a contextualização do período histórico em que vivemos no que diz respeito ao período tecnológico e suas consequências sociais. No item 1.2 *Entre (nós), comunicação, rede, sociedade e Facebook*, correlaciono os conceitos de comunicação, rede e sociedade com a plataforma *Facebook*. Quanto à comunicação, discorro acerca de como ela teve seus parâmetros de trabalho mudados pela era da internet e como a rede faz parte disso, além de refletir sobre como, neste processo, as relações das redes sociais (*offline*) foram afetadas, tal qual todos esses fatores se refletem dentro do *Facebook*. Em 1.3 *A cientificidade do método discursivo*, descrevo o método usado pela AD e suas raízes linguísticas, assim como alguns de seus termos.

No capítulo 2, *Questões de gênero*, abro a discussão acerca do percurso feminino e suas conquistas, especialmente no item 2.2 *Feminismos*. Em 2.2.1 *O antifeminismo e a violência simbólica*, procuro situar o que é o antifeminismo e onde

³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdedireita/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

ele alcança a violência simbólica. Em 2.2.2 *A reprodução de discursos machistas por mulheres e a violência simbólica*, problematizo o percurso de apropriação a partir do qual as mulheres se servem do discurso machista, reproduzindo a opressão sexista contra si mesmas.

Em relação ao capítulo 3, volto-me para as análises da minha pesquisa, situando, no tópico 3.1, as condições de produção que possibilitaram a emergência de discursos antifeministas, sobretudo ao considerar o pleito presidencial e seus efeitos de polarização política. Em 3.2 *A montagem do arquivo discursivo*, demonstro o percurso que viabilizou a coleta de dados para a análise na perspectiva discursiva. Já em 3.3 *Gestos de interpretação*, estabeleço as leituras possíveis das materialidades recortadas do arquivo de pesquisa, explicitando tais dizibilidades enquanto exemplares de uma estratégia discursiva que tanto serve de alarde a determinados posicionamentos de grupos sociais nas redes, quanto reverberam em FD's que, ao se proliferarem no “caminho de volta”, levam a práticas extremistas.

1 DISCURSO E(M) REDE

1.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Durante 24 horas, computadores e celulares (*hardwares*) estão nas mochilas, no percurso para a universidade, ou nos bolsos, a caminho de uma reunião de trabalho, mas principalmente, em mãos, sendo teclados incessantemente. Portanto, pensar a sociedade e seus acontecimentos, hoje, demanda, minimamente, perpassar a era tecnológica em que vivemos⁵ e seus reflexos nos grupos em questão não é apenas *mimimi*⁶ de pesquisadora, ou mero brio para o estudo, ainda mais quando se trata do discurso e do objetivo de realizar sua análise. A preocupação da pesquisadora legitima-se tendo-se em conta que a *revolução tecnológica* (CASTELLS, 2008) atingiu a sociedade como a conhecemos, a começar pela forma com que evoluíram os meios de comunicação em tão pouco tempo.

Esse pouco tempo pode ser contabilizado a partir da Segunda Guerra Mundial que, apesar de ter trazido feridas incuráveis à humanidade, pode ser considerada a “mãe de todas as tecnologias”. A partir do empreendimento investido em material bélico, foi possível alavancar o desenvolvimento das tecnologias durante o que podemos chamar de corrida tecnológica (CASTELLS, 2008).

Entre os primeiros computadores, estava o Colossus britânico, de 1943, usado para decifrar códigos de adversários. De 1941, ainda se destaca o Z-3 alemão, usado para auxiliar nos cálculos das aeronaves, mas foi na Universidade da Pensilvânia que, pelas mãos de Mauchly e Eckert, desenvolveu-se a primeira máquina de uso geral, pesando 30 toneladas e ocupando o espaço de um ginásio esportivo. Quando ligada, pela primeira vez, consumiu tanta energia a ponto de fazer com que as luzes da Filadélfia piscassem. Este era ENIAC (Calculadora e Integrador Numérico Eletrônico), que abriu portas para sua primeira versão comercial – o UNIVAC 1 – criado no ano de 1951 (CASTELLS, 2008).

⁵ Uso a primeira pessoa do plural sempre que fizer referência a uma sociedade mais ampla em que me insiro.

⁶ Mimimi: Termo geralmente atribuído aos avatares jovens e/ou em defesa de alguma formação discursiva diferente das dominantes na internet. Utilizado para descrever “frescura”, atitudes/falas desnecessárias, exageros e até mesmo para desestabilizar um ator discursivo com quem se discorda. Ainda, utilizado de forma extremista em discussões para resumir descontentamento com a formação discursiva do outro. No ano de 2018 e nos seguintes, o termo foi popularizado pelo presidente Jair Bolsonaro em suas publicações e em entrevistas.

Logo depois, em 1953, surgiria uma máquina com apenas 701 válvulas, seguida pelo mainframe de segunda geração, ou computador de grande porte, mas o que conquistou a indústria foi o mainframe 360/370, apesar de alguns microcomputadores existirem, ainda eram de uma realidade muito longe da que temos hoje em peso e funções. A “revolução dentro da revolução” (CASTELLS, 2008) aconteceu mesmo pelas mãos do engenheiro e pequeno empresário chamado Ed Roberts, que criou uma “caixa de computação” um computador de pequena escala com microprocessador, que já havia sido desenvolvido em 1971.

Embora se esperasse um nome técnico e poderoso para a máquina que revolucionaria o mundo, ela foi batizada de Altair, por ser o personagem preferido da filha de Roberts, na saga jornada nas estrelas. Ainda, segundo Castells (2008), Altair serviu de modelo para o Apple I e Apple II, de Steve Wozniak e Steve Jobs, dando início ao império Apple e a Era da Informação. A empresa IBM, após o sucesso do Apple II, lançou seu próprio microcomputador e deu o nome de PC (Computador pessoal), que mais tarde seria o nome adotado por todos os microcomputadores.

A tecnologia utilizada no PC foi de terceiros, o que facilitou o processo de clonagem do mesmo, a escala dessa clonagem foi tão alta que padronizou as máquinas ao redor do mundo, apesar de a Apple ter mostrado melhor desenvolvimento. Em 1970, Bill Gates e Paul Allen desenvolveram o *software* para PC adaptado para suas funcionalidades modificando o BASIC de Altair. Devido ao potencial do *software*, deram início a outro império tecnológico, a Microsoft. Não menos importante, desde 1980, os microcomputadores não podem manter seu funcionamento isoladamente, eles precisam atuar em uma rede.

Para conceituar “rede”, proponho aqui, uma breve viagem ao redor da palavra. Segundo o dicionário *online* de português Dicio, uma rede é composta pelo “[...] entrelaçamento de fibras que são ligadas por nós ou entrelaçadas nos pontos de cruzamento. As redes podem ser feitas de algodão, raiom, náilon ou outras fibras. A rede de trançado duplo é mais resistente”⁷. Especificando a noção tal como adotada, nesta pesquisa, situo Recuero (2009) que a conceitua a partir da *Teoria de grafos*, elaborada pelo matemático Leonard Euler para resolver um enigma existente entre os moradores da cidade de Königsberg. Os moradores tentavam atravessar a

⁷ Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/rede/#:~:text=Significado%20de%20Rede,raiom%2C%20n%C3%A1ilon%20ou%20outras%20fibras.>>. Acesso em: 20 set. 2020.

cidade formada por sete pontes e quatro porções de terra, saindo de uma determinada porção para outra e retornando ao local de partida sem repetir o trajeto feito inicialmente pela mesma ponte pela qual haviam passado. A teoria de grafos foi desenvolvida para explicar essa impossibilidade.

Nela, Euler representou como “vértices” as quatro ilhas pertencentes à cidade e suas sete pontes chamou de “arestas” – nomenclatura usada por matemáticos e outros estudiosos das chamadas ciências da computação. Embora, em um primeiro momento, pareça que a teoria de grafos serve apenas para observar percursos que não dariam certo, a título de curiosidade, destaco que ela serve também para traçar rotas entre as conexões mais curtas de um nó a outro. Este último é utilizado em empresas de entregas de encomendas, quando é preciso traçar o caminho mais econômico em tempo e combustível, por exemplo. Para Recuero (2009, p. 20) pode ser então “[...] a representação de uma rede, constituída de nós e arestas que conectam esses nós”. Nesta dissertação, usarei *nós* para os vértices e *conexões* para arestas.

Voltando a falar de rede, destaco uma que é tão maior que engloba outras redes, sendo capaz de mudar todo um sistema social como o nosso, ou seja, trata-se de entender as especificidades da rede de computadores. No tópico adiante, eu me aprofundei um pouco mais em torno dessa noção, demonstrando sua capacidade de interferir no nosso modo de vida.

1.2 Entre (nós), rede, comunicação, sociedade e Facebook

Início este tópico elucidando como concebo a noção de “redes”, passando pela de computadores, a de internet e, por fim, as redes sociais e sua influência. A rede de computadores é a infraestrutura responsável pela conexão entre *hardwares* e *softwares* tanto em nível global como em nível regional, ou local. Fazem parte de uma rede, por exemplo, as redes móveis como *notebooks*, celulares e automóveis, as residências com computadores de mesa e *Smart TV*, ou as institucionais com os computadores próprios, ligados ao mesmo provedor de internet.

Quando um roteador de internet é liberado para os usuários, os *smartphones* e computadores que se conectarem passam a fazer parte dessa rede, mesmo que temporariamente, como acontece com a UFMS, que possui a rede nomeada

“Eduroam” para o uso dos acadêmicos, de modo que estes, uma vez conectados a ela por seus celulares e computadores, passam a fazer parte da mesma conexão institucional. Os roteadores de IOS também são parte dessas redes.

Tanto os nativos digitais (MANOVICH, 2006) quanto os “adaptados”⁸ estão conectados a *softwares* que lhes permitem um alcance global de informações sobre moda, tendências, política e últimos acontecimentos de forma quase instantânea, pois, a qualquer momento, tudo pode mudar. Então, estar conectado tornou-se não só uma necessidade, mas uma urgência. Assim, *hardware* e *software* configuram quase uma extensão do corpo humano. Castells (2008, p. 69) explica que:

[...] computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens.

Castells (2008) ainda mostra em que a teoria do pesquisador-historiador Bruce Mazlish (1995) se torna obsoleta: por afirmar em seus estudos uma “quarta descontinuidade”, ou melhor, o fato de homem e máquina serem seres distintos, já que, em estudos mais recentes, como o mencionado logo acima, “as máquinas são uma extensão do corpo humano”. Tal afirmativa já não consegue mais se sustentar nos dias atuais, sobretudo ao considerarmos que a “união” entre esses dois elementos promovida pela revolução é capaz de alterar “[...] fundamentalmente o modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos” (CASTELLS, 1999, p 80).

Outra das características do modelo vivenciado hoje é a naturalidade com que acontecem as mudanças de todo conteúdo em um mesmo sistema, processado em altos e progressivos índices de velocidade e capacidade, em uma rede de recuperação e distribuição que Castells (2008) delimita enquanto potencialmente ubíqua.

Essa rede ubíqua, ou quase onipresente, citada por tantos autores em diversas áreas dos estudos preocupou também Manovich (2006), mais especificamente à medida em que afeta diretamente os meios de comunicação e seus processos. Em sua obra *El lenguaje de los nuevos medios de comunicación*,

⁸ Nomeio assim os que, como eu, nasceram antes dessa era da internet, embora esteja ciente de que não há consenso na academia quanto à forma de classificar/nomear essa diferença entre usuários da rede.

o autor retrata não só um paradigma entre os velhos e os novos meios, diferenciando-os, mas ainda se preocupa com o modo com que os novos meios afetam as comunicações em sua totalidade. Segundo Manovich (2006, p. 64):

Es casi indiscutible que esta nueva revolución es más profunda que las anteriores, y que sólo nos estamos empezando a dar cuenta de sus efectos iniciales. De hecho, la introducción de la imprenta afectó sólo a una fase de la comunicación cultural, como era de la distribución mediática. De la misma manera, la introducción de la fotografía sólo afectó a un tipo de comunicación cultural: las imágenes fijas. En cambio, la revolución de los medios informáticos afecta a todas las fases de la comunicación, y abarea la captación, la manipulación, el almacenamiento y la distribución: así como afecta también a los medios de todo tipo, ya sean textos, imágenes fijas y en movimiento, sonido o construcciones espaciales⁹.

Acima, situei como Manovich (2006) não é excludente a nenhuma das “fases da comunicação” ao se referir às áreas afetadas pela revolução tecnológica ou pelo que chama de “revolución de los medios informáticos” ou, para nós, “revolução das mídias de computador” (tradução minha). Uma revolução que vai desde a captação, a manipulação, o armazenamento até a distribuição da comunicação. Quanto à última, posso supor, então, que é possível tratar também da forma como os consumidores as obtêm.

A interação humana a partir das redes sociais *online* é realizada por avatares e consiste, basicamente, no compartilhamento de informações. O *Facebook*, por exemplo, site de rede social lançado em 2004, alcançou aproximadamente 2,5 bilhões de usuários ativos em dezembro de 2019¹⁰. Conforme o site foi se desenvolvendo, abriu espaço também para páginas de propagandas, jornais e notícias, assim, foi possível que os destinatários de notícias diversas passassem também a enunciadores a partir de seus comentários, superando tudo que o rádio e a televisão podiam oferecer até o momento.

⁹ Tradução: “É quase indiscutível que esta nova revolução é mais profunda do que as anteriores, e que estamos apenas começando a perceber seus efeitos iniciais. De fato, a introdução da imprensa afetou apenas uma fase da comunicação cultural, como a distribuição de mídia. Do mesmo modo, a introdução da fotografia afetou apenas um tipo de comunicação cultural: imagens estáticas. Por outro lado, a revolução da mídia computacional afeta todas as fases da comunicação e reduz a aquisição, manipulação, armazenamento e distribuição: assim como afeta mídias de todos os tipos, sejam textos, imagens estáticas e em movimento, som ou construções de espaço”.

¹⁰ Segundo dados disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/whatsapp-atinge-2-bilhoes-de-usuarios.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2020.

A sociedade passou, então, a interferir em outra esfera: a da comunicação/informação. No que se refere à relação entre público/notícia, como a conhecemos, onde o telespectador ou ouvinte é apenas receptor, em decorrência da dificuldade na interação, a impossibilidade de se obter uma devolutiva do público fazia dessa disseminação de informação um movimento unidirecional e, portanto, limitado. Por outro lado, hoje, a informação passa a ser tratada por novas fontes e olhares, à medida que não está mais apenas engajada em interesses tradicionalistas de grupos sociais e políticos:

A internet por sua estrutura de rede e sua prática interativa e colaborativa foge da rotina comunicacional da mídia tradicional, caracterizada pelo fluxo unidirecional da informação, criando formas de comunicação nas quais o receptor da mensagem tem um papel mais ativo, podendo produzir e interagir com o conteúdo que vai circular na rede (PENTEADO, 2012, p. 161).

A partir do momento em que se torna possível a colaboração entre indivíduos/usuários em um determinado espaço, a capacidade de resposta a uma postagem movimenta o site com um grande fluxo de informações vindas de diferentes partes do país. A rede de informações discursivas dispostas na internet é de extrema importância para os estudos discursivos, pois permite uma análise de questões históricas, sociais e ideológicas através da formação discursiva.

Logo, o *corpus* analisado não é formado apenas pelos textos publicados pelas páginas, mas também pelos comentários acerca das postagens e dos memes, uma vez que, em nossa linha de pesquisa, a produção de efeitos de sentido. De acordo com Gallo (2011, p. 411), “[...] não colocamos o verbal como sendo a única possibilidade de linguagem, mas também o som, a imagem estática, a imagem em movimento. Ou seja, outras formas materiais que se relacionam com o verbal, produzindo sentidos.” É por isso que, a partir da teoria discursiva, posso contemplar, também, objetos tão intrigantes quanto os memes.

Como já dito aqui, os memes possuem uma vasta gama de definições a partir de seu surgimento na biologia, com Richard Dawkins, na década de 70. Dentro de outras ciências, contudo, ainda faltam definições mais alinhadas ao funcionamento textual e discursivo deste “acontecimento”. Caminho, então, ao encontro da definição que mais se aproxima (até agora) do sentido atribuído a ele neste trabalho, e o faço partindo de Souza (2001, p. 131):

[...] no ciberespaço os “memes” têm a ver principalmente com comentários, postagens de fotos, vídeos, paródias que são comumente relacionados a notícias do cotidiano provenientes em grande parte de outros canais midiáticos, sendo estes a televisão, os jornais impressos e o rádio.

Devo ressaltar que o processo de comunicação não é mais desempenhado apenas pelos meios tradicionais de comunicação (televisão e rádio). Estes agora assumem um novo papel, que vai além do de noticiar, mas de legitimar o que foi noticiado e/ou, melhor, compartilhado (RECUERO, 2011). Lembro, ainda, que os consumidores da informação se servem desse antigo papel das mídias jornalísticas (de noticiar), compartilhando-as e, em alguns casos, servindo-se também do papel de “comentaristas” e/ou “especialistas”, mesmo que de forma “ordinária” (SILVEIRA, 2016), expondo um ponto de vista sobre determinado assunto. Isso vem a fazer parte do que Gallo (2011) chama de “efeito-autor”. Por exemplo, ao compartilhar uma imagem ou um meme que já está em uso na rede social e, junto, acrescentar uma legenda, quem compartilha passa por um efeito-autor, ou seja, RE-produzindo “[...] (de forma renovada) as instâncias de poder pela via da textualização” (GALLO, 2011, p. 415).

Até aqui, tratei das mudanças concebidas pela Revolução dos meios de computador, que acabam afetando não só os processos de comunicação, mas também a materialidade do discurso. Dias (2005, p. 41) nos confirma que, “[...] diante da mudança provocada pelo surgimento da Internet na sociedade, criamos novas formas de relação com o conhecimento, de relação entre sujeitos, de relação com a sociedade, e com a própria materialidade do discurso”. Trata-se dessa que, inevitavelmente, depende da interação humana, que hoje pode se encontrar facilmente no grande *arquivo da Internet* (GRIGOLETTO, 2017), mais especificamente nas redes sociais *online* – sendo, assim, um dos motivos que justificam o interesse pelo tema nesta pesquisa.

Ellison, Steinfield & Lampe (2007) chegam a apontar o *Facebook* como gerador de um novo tipo de Capital Social, que tornaria possível uma “[...] facilitação dos laços sociais”. O que começou como uma forma de interação entre acadêmicos de Harvard, tornou-se sinônimo de uma interação mundial. Tais resultados se devem ao fato de a rede social oferecer não só textos escritos, mas também textos visuais e a possibilidade dos usuários comentarem e compartilharem os conteúdos.

Segundo Recuero (2012), os sites de redes sociais possuem três características dos chamados “públicos mediados”, conceito de Boyd (2007), são elas: buscabilidade, replicabilidade e permanência das informações e “audiências invisíveis”. No caso da rede social *Facebook*, quando compartilho uma imagem emblemática, ou até mesmo um meme ou texto, isso significa que reforço minha formação discursiva, ou no mínimo, compactuo com parte do discurso impresso nele (o que, neste caso, deve estar claramente sinalizado). De acordo com Adorno e Silveira (2018), o fato de a normatização incidir sobre o compartilhamento indica uma forma singular de legitimação, em um processo diretamente relacionado com a própria noção de quantidade. Para Gallo e Silveira (2017), sugerem que a legitimação do discurso de escritorialidade pode decorrer via quantificação – o que explicaria a busca massiva por fazer circular as postagens no *Facebook*, já que essa circulação seria matéria-prima para maior legitimidade dos conteúdos veiculados.

Há, também, a possibilidade de, em um mesmo espaço, encontrar o cruzamento de discursos tanto dos sujeitos historicamente marginalizados, como os negros, indígenas e LGBT, quanto dos movimentos contrários a eles. Dessa forma, coexistem a circulação de discursos e de movimentos totalmente diferentes, como os feministas e os machistas, mas que são tidos pelo senso comum como antônimos (noções que serão discutidas em meu capítulo sobre gênero).

Se o ciberespaço é capaz de popularizar fotos, vídeos e etc., isso significa que pode também popularizar modos de vida, de agir, de ser. As redes sociais ilustram bem essa capacidade, uma vez que estão presentes a todo tempo no nosso cotidiano, regendo vidas e atitudes, a partir do que outras pessoas já fizeram ou estão fazendo e dos diferentes lugares que ocupamos em sociedade. Em contrapartida, as redes sociais *offline* sempre foram símbolo de relações de poder, mas, hoje, devido à exposição proporcionada pelas redes sociais (*online*), esse movimento é bem mais perceptível.

Apesar disso, ainda é possível que os usuários creiam que, nela, não há dominação, ou seja, acreditam em um espaço livre ao “tudo poder dizer”, o que se trata de uma leitura ilusória, pois o espaço da internet representa, também, uma “instituição reguladora”. Segundo Grigoletto (2015, p. 34):

[...] ao produzir esse trabalho “institucional” de ser uma depositária de milhões de informações — das mais diversas, heterogêneas e contraditórias possíveis — funciona como reguladora, ao mesmo

tempo em que é regulada pelas relações de poder que atravessam a nossa sociedade. O que é (ou não) arquivado, o que entra (ou não) na rede[...] é feito dessas relações de poder que produzem por sua vez, um efeito de estabilidade e naturalidade para o que é extremamente heterogêneo e contraditório. Ao lado da ilusória liberdade de tudo poder dizer, temos o controle do que pode ou não ser dito/arquivado.

Levando em conta o que diz a autora e pensando nas definições de “rede” já mencionadas, remeto ao dito “uma vez na rede sempre na rede” pensando no seu sentido de dominação, já que a mesma Internet, que dá liberdade aos usuários da rede social, também os prendem em seus testemunhos, pois não há um apagamento efetivo de informações dentro da rede, a exemplo da *deep web*. Segundo Nunes, Lehfeld e Silva (2020, p. 221),

[...] o termo ‘Deep Web’ (em português, web profunda) foi criado por Bergman, em seu trabalho publicado em 2001 pela empresa Bright Planet. Em sua pesquisa, Bergman (2001) faz um estudo acerca da dimensão dessa parte da WWW e, ainda, supõe que a web profunda possui aproximadamente 10 níveis, de modo que o acesso seja diferente em cada um deles, devendo ser feito de forma gradual. Destaca-se assim que a “Deep Web e a Dark Web, são níveis da World Wide Web que representam a dobra invisível no ciberespaço, constituindo-se por todas as páginas que não foram – ou não puderam ser – indexadas pelos motores de busca. Existem inúmeros motivos para que as páginas não sejam indexadas, podendo ser por opção de privacidade de seu dono; por dificuldade de distinguir se uma página possui programa automático (scripts) para geri-la de forma benéfica ou maligna; ou até mesmo por violar regras dos próprios motores, uma vez que não é admitida a indexação daquelas que abranjam conteúdo impróprios, acessos a informações confidenciais, entre outros.

Somada às especificidades da *deep web*, tal como descrito na citação anterior, destaco o quanto hoje, vivemos em uma *heterotopia* (FOUCAULT, 2013) declarada. As pessoas têm a sensação de controle da máquina, ao “dizerem o que querem”, “agir como querem”, “mostrar o que querem” e “quando querem” mas, segundo Grigoletto (2017), existe uma barreira, pois é “ilusória a liberdade de tudo se dizer”.

A barreira apresentada por Grigoletto parece ser desconhecida pelos usuários da internet, esses discorrem deliberadamente e, por vezes, sem bases sólidas (dados científicos) sobre política, relacionamentos LGBT e até sobre a vida privada de indivíduos, cuja imagem está vinculada à mídia. Observo um borramento não só entre os polos público e privado, mas entre crença e ciência cada vez mais acentuado e recorrente.

Embora tudo o que foi dito até agora pareça com um eterno fato isolado, é preciso observar que é impossível sobreviver de forma solitária dentro do vasto mundo *web*. Na verdade, se faz cada vez mais necessária uma relação mínima de interdependência entre atores, *hardwares* e *softwares* e redes sociais *on* e *offline*.

A Web 2.0 possibilitou que o indivíduo pudesse “escolher” o espaço ocupado por ele na internet, permitiu a abertura de várias janelas ao mesmo tempo, aproximando os distantes. Aliás, há quem diga que estamos na era das possibilidades, à medida que humano e digital se confundem, surgem nomes mais adequados a esta época:

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta menos como uma grande via, que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama (FOUCAULT, 2001, p. 414).

Especificidades como as trazidas pelo filósofo francês colocam a rede em um lugar emblemático a ser estudado. Muitas áreas, desde a antropologia até as ciências da linguagem, têm se ocupado do ambiente virtual. O motivo, entre outros, decorre do fato de o espaço virtual incluir os indivíduos, mas também os segregar. Por tal lógica, o processo de democratização da informação *online* é concomitante para o funcionamento de discursos bumerangue, classe em que acredito fazerem parte as populares *fake news* que, aqui, significam o mesmo que Primo (2006, p. 4) já explica:

[...] ao mesmo tempo que a abertura para o trabalho coletivo pode motivar a intervenção de múltiplas vozes – antes prejudicadas pela imposição de um modelo massivo unidirecional – vandalismos, confusões e erros de informação ou de uso das ferramentas (como apagamento incidental de dados) ganham também espaço.

As *fake news* podem exemplificar o que ressalta Grigoletto (2017). Elas movimentam as redes à medida em que novas postagens são compartilhadas pelos usuários de forma mecânica e sem checagem, talvez por acreditarem na idoneidade da rede, ou porque simplesmente compactuam com o movimento sendo estabelecido. Ignora-se, assim, o fato de ser a disseminação de uma notícia falsa, assumindo o risco de seu poder de destruição em massa, em prol de objetivos próprios.

A gravidade de ambas as atitudes pode ser exemplificada a partir de dois grandes eventos recentes da nossa história – as eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos e as eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Momentos em que a nocividade das *fake news* se mostrou com capacidade até de decidir o pleito eleitoral. Primeiramente em 2016, nos Estados Unidos, em que disputaram a presidência Hillary Clinton e Donald Trump, resultando na vitória deste último “representando” a direita conservadora. Segundo o G1, em sua plataforma “MUNDO”, em texto do dia 17 de novembro de 2016¹¹, de 20 notícias falsas de maior circulação nos Estados Unidos na época das eleições presidenciais, apenas 3 não favoreciam Donald Trump, sendo que as duas mais circuladas foram as seguintes: “Wikileaks confirma que Clinton vendeu armas para o Estado Islâmico” e “Papa Francisco choca o mundo e apoia Donald Trump”. Os fatos retratados nas duas manchetes nunca aconteceram, mas surtiram efeito nas urnas.

No Brasil em 2018, por sua vez, disputavam o professor Fernando Haddad, do PT, e Jair Messias Bolsonaro, até então no PSL, sendo eleito este e que “representava” a imagem de uma extrema direita e do conservadorismo. Apesar de notícias falsas sempre existirem, a facilidade e o alcance que a internet proporciona para esse tipo de acontecimento é inegável. No país, já foi aberto inquérito para investigar a chapa de Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão por “eventual disparo em massa de mensagens com conteúdo eleitoral, em favor da campanha dos representados, por meio do WhatsApp”. A reportagem veiculada no dia 09 de junho de 2020 foi apresentada pelo G1¹² e diz mais apontando que a existência, no inquérito, de “indícios de que Luciano Hang, apontado como um dos financiadores da campanha [...] integraria, desde 2018, grupo de empresários que financiariam o impulsionamento de vídeos e materiais contendo ofensas e notícias falsas”.

Durante a observação de fenômenos sociais e linguísticos na internet, mais especificamente no *Facebook*, eu me deparei com algumas indagações sobre como alguns discursos em foco na mídia poderiam ser capazes de influenciar em formações discursivas de outros indivíduos de uma comunidade. Imaginei que esse “movimento” poderia ser explicado, ou pelo menos nomeado, a partir de algo que eu

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/noticias-falsas-sobre-eleicoes-nos-eua-superam-noticias-reais.html>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

¹² Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/09/mp-eleitoral-diz-ao-tse-ser-a-favor-da-inclusao-do-inquerito-das-fake-news-em-aco-es-sobre-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

já havia visto, ou que poderia ao menos aproveitar um conhecimento já estabelecido para “decompor” e compreender o “movimento” que era novo aos meus olhos.

Percebi que esses movimentos sociais em parte se pareciam com princípios da física, então usei dois deles para elucidar o funcionamento discursivo que observava. Embora a Física seja um campo do saber relativamente distante da AD, tomei dela emprestado uma noção que me ajudará a explicar as reflexões aqui em desenvolvimento – bumerangue – que unido à etimologia de Discurso e Efeito, comuns na AD, ajudam a entender o raciocínio desenvolvido nesta dissertação.

O bumerangue, em sua interação com o espaço e em retorno à direção de partida, funciona, em uma singela explicação, do seguinte modo: quando um bumerangue é lançado na vertical, a parte de cima se desloca para frente; enquanto a de baixo, para trás. Em determinado ponto, a força – chamada precessão giroscópica – faz com que aconteça um desvio de 90° à frente do percurso de rotação, levando-o a regressar. A mesma habilidade que o permitiu parecer inútil, o tornou tão letal, pois se percebeu que não seria possível capturar, nem abater animais com ele, mas sim que serviria para espantar arditosamente revoadas inteiras de aves, empurrando-as para alguma espécie de armadilha localizada mais à frente.

Pensar em um discurso ideologicamente “satisfatório”, em momentos de crise, partido de um sujeito cuja imagem cause “similitude”, portanto afeto e confiança da massa, é um grande candidato a estar usando um Discurso-Bumerangue. O que chamo de Discurso-Bumerangue é justamente um discurso com as “qualidades” básicas da arma que o nomeia, lançado em um “lugar sem lugar” como a internet, sem atingir visualmente nada ou ninguém, mas servindo para espantar/alarmar/espalhar certo grupo social em direção a uma armadilha política real.

O ato de comunicar é sempre um ato político e social, por permitir que outros indivíduos alcancem a informação, mas haja visto que, antes de chegar ao seu destino, é necessária sua manipulação (termo usado pelo próprio Manovich, em 2006) por pessoas responsáveis pelo tratamento do que será noticiado, em geral jornalistas. Apesar de o jornalismo defender a imparcialidade política, a impossibilidade de se esconder definitivamente faz com que os movimentos sociais apareçam, sobretudo porque, discursivamente, a imparcialidade é apenas um efeito de linguagem.

Além disso, a rede pode ser uma metáfora do ilusório “estado laico” que, além de “liberdade de expressão”, proporciona “segurança” e “inclusão”. A forma com que a popularização da internet, aos poucos, interferiu na maneira com que as pessoas se relacionam tanto consigo mesmas como com outros indivíduos diz respeito a algo que Foucault já vislumbrava quando mostrou o conceito que acredito resumir a era da internet: a noção de heterotopia.

Por meio desse conceito, podemos entender como os sujeitos reais propõem a seus avatares dentro das redes sociais viver em um lugar de fantasia, influenciados pela observação das redes de outros avatares. Para isso, fantasiam corpos, relacionamentos, situação financeira, familiar, profissional. Esses discursos se materializam dentro dos textos escritos ou visuais contidos nas postagens ou dentro de seus comentários que podem ser também escritos ou através de memes e imagens.

Com a introdução da Era digital, o que eram apenas Redes Sociais assumiu forçadamente uma segunda classificação Redes Sociais *Offline*, digo forçadamente, pois não era necessário anteriormente. Quando ouvimos a expressão “redes sociais”, exemplos que pode vir à cabeça são *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, ambientes de interação *online*, sem pensar que estes são apenas representações das redes sociais *offline* e, ainda mais, que são uma complexização de redes já existentes (RECUERO, 2009).

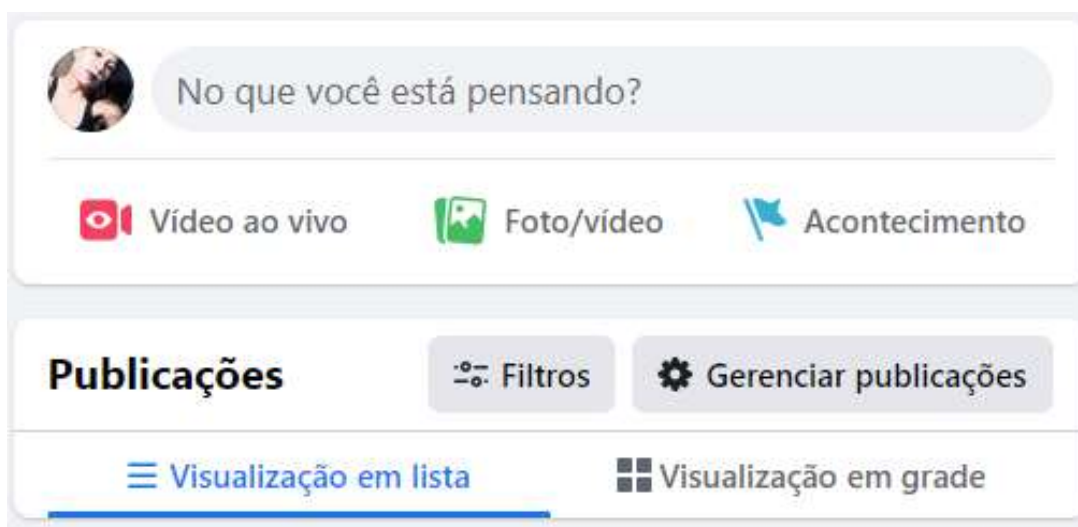
Para exemplificar melhor, comparo-as com fenômenos da natureza. Observe que eles existem, fazem parte do cotidiano, são fundamentais à nossa vida e regem até a roupa com que nos vestimos: se frio, casacos; se calor, roupas leves; se chove, capa de chuva, mas dificilmente tal influência é notada, tamanha naturalidade de sua existência, a menos, é claro, que esse ciclo natural se quebre e torne o cotidiano caótico quando, ao invés de chuva, temos um temporal, ou furacão. O mesmo ocorre com as redes sociais: ser ignorada/desconhecida pelo sujeito não o exclui de seu domínio.

No contexto das eleições presidenciais de 2018, as redes sociais se encheram de discursos extremistas tanto machistas quanto de ataques às classes marginalizadas – todas licenciadas pelo chamo, neste trabalho, de discurso(s) de encorajamento, os quais foram produzidos, sobretudo, por parte de um dos candidatos e seus seguidores/apoiadores.

Buscando analisar a materialidade desses discursos, tomarei a AD de linha francesa, inaugurada por Michel Pêcheux no final da década de 60, que servirá como base teórica para as análises de *corpus* retirado do *Facebook*, sobre as páginas *Jovens de Esquerda* e *Jovens de Direita*, conforme já anunciado. A escolha das duas páginas se justifica porque, considerando a corrida presidencial, parte do eleitorado brasileiro encontrava-se dividido entre votar em partido da direita ou esquerda nas urnas. Sendo um dos espaços no qual se erige essa (im)possibilidade de tudo dizer e, para além da alta quantidade de perfis, a rede social contém ferramentas que viabilizam tanto a troca de vivências, quanto a postagem de opiniões – tais como o curtir, o comentar, o compartilhar, o seguir, a criação de páginas, a lista de amigos, dentre outras.

Logo na interface inicial, a frase em destaque é “no que você está pensando?”. Com ela, o *Facebook* solicita a dispersão de ideias pela personalidade marcada no uso do pronome “você” e do verbo no gerúndio “pensando”.

Figura 1 – Print do Facebook, ambiente de estímulo à publicação



Fonte: Elaborado pela autora em: 20 mar. 2021.

Na mesma medida, ela também promove o choque entre posicionamentos distintos, tão característico das (contra/des)identificações, dado que a incitação ao dizer contribui para a produção de um efeito de originalidade discursiva. Sobre esse aspecto, considero a existência de certo deslocamento dos discursos produzidos fora da rede e os que são de circulação virtual, só que fortalecidos, geralmente, pela distância física e pela possibilidade do anonimato.

Finalmente, no tocante às manifestações alvos de minha análise, para além do conflito entre oposições políticas propagadas nas páginas *Jovens de Esquerda* e *Jovem de Direita* do Facebook, parece-me que os discursos machistas, legitimados pela ascensão do conservadorismo no país, ganharam força e espaço na rede, reproduzindo estruturas de dominação, embora as materialidades – presencial e virtual – divirjam.

Considerando o objeto de pesquisa selecionado para esta dissertação e sua formulação, circulação e produção de sentidos, o referencial teórico que selecionei irá perpassar dois grandes eixos. No primeiro, estão as questões inerentes às relações de gênero que, historicamente, favoreceram a emergência do movimento feminista. O segundo eixo diz respeito às especificidades do trabalho com discursos em rede, ou seja, a teia conceitual necessária à reflexão acerca das materialidades discursivas no Facebook. Refletir sobre essa rede social, que serviu de suporte para a montagem de meu *arquivo* de pesquisa, também exigiu o direcionamento de um olhar para a forma como o machismo e feminismo tematizaram debates entre diferentes formações discursivas político-partidárias, no ano eleitoral de 2018. Tomando a historicidade desse cenário, focalizei o engajamento de sujeitos ordinários diversos nas temáticas de campanha e o possível impacto de tal processo no resultado do pleito em questão.

1.3 A CIENTIFICIDADE DO MÉTODO DISCURSIVO

A humanidade já defendeu cientificamente ser o centro do universo e que o sol circundava a Terra, ou até mesmo que esta era plana como a tábua de uma mesa. Já se julgou que a AIDS era restrita aos grupos LGBT, que os negros não possuíam a mesma capacidade intelectual que os brancos e que as mulheres eram inferiores aos homens, até porque não existiu uma “mulher vitruviana” e o homem vitruviano era branco. As teorias supracitadas foram defendidas por discursos estabelecidos em suas respectivas épocas, portanto entendo que a cientificidade é pertencente aos dominantes, assim como a história que, segundo Pêcheux (1975), não está fora da luta de classes.

As ciências evoluíram com o passar dos anos e estabeleceram suas teses, ou as modificaram, dividiram-se em blocos, ou expandiram seus horizontes, ao passo

que outras deixaram alguns objetos de lado, dando a oportunidade para que novas surgissem e as abrangessem. Um bom exemplo para esse processo é a própria Linguística.

De acordo com Courtine (2006), quando a teoria de Ferdinand Saussure, pioneiro do estruturalismo, traz a separação entre a língua e a fala, no *Curso de Linguística Geral*, a sua abordagem voltou-se para o primeiro aspecto, considerando-o como social, homogêneo e coletivo, deixando uma lacuna a ser preenchida quanto ao segundo, não por segregá-lo, mas por, naquele momento, considerar a urgência de sistematização da língua somente. No processo de estudo e análise, adotava-se, pelo estruturalismo, o método sincrônico, descartando elementos ligados à comparação temporal ou qualquer aspecto diretamente relacionado ao sujeito.

Ainda em Courtine (2006), esse processo desconsiderou o falante, ou seja, transformou a linguística em uma teoria que se voltava somente para a língua. Posterior à sua emergência teórica, diversos pesquisadores passaram a se manifestar acerca de tal aplicação e proponho novas linhas de estudos em defesa da impossibilidade de se desvincular a linguagem de contextos sócio-históricos. É a partir daí que emerge, em outras vertentes, a Análise de Discurso (AD). Indo de encontro com os pensamentos saussurianos, a AD tem seus primeiros trabalhos na década de 60. De acordo com Brait (1994, p. 03):

[...] Análise do discurso é o nome comum sob o qual se abrigam, de forma explícita ou implícita, diversos e não homologáveis caminhos do estudo da significação, e de forma mais precisa, os diversos enfoques enunciativos, ela aparece como uma dimensão do estudo da linguagem que tanto pode ser assumida teoricamente por diferentes semânticas, de abrangência frástica ou transfrástica, como ainda pode envolver objetos outros além do verbal.

Com base no que a autora explica sobre tal perspectiva, junto aos conceitos deixados de lado por Saussure (1969), analistas buscaram considerar elementos para além da língua, alocando-se assim nos estudos pós-estruturalistas. A AD se divide em grandes vertentes em seu interior – para esta discussão, cito a linha americana e focalizo a linha francesa.

Nos Estados Unidos, a presença da AD é vista como prolongamento da linguística de Saussure (MUSSALIM, 2009), especialmente por apenas considerar distinto, entre frase e texto, o grau de complexidade. Além disso, questões sobre as

condições de produção do enunciado não são levadas em conta – o que mostra um estudo voltado ao que é inerente ao texto.

Em contrapartida, a AD francesa materialista, acionada aqui para direcionar as análises, reforça a importância de não se prender apenas no texto ou considerar o discurso e(m) seus aspectos sócio-históricos, mas considerá-los em uma confluência na qual se produzem os sentidos. Nas palavras de Courtine (2006, p. 40), “[...] a AD foi o lugar privilegiado de um encontro entre a linguística e a história”. Dessa forma, a exterioridade discursiva é um item sublime para essa perspectiva teórica. Cabe reforçar, apenas, que a AD não está ligada à história em si, mas à historicidade inscrita nela (ORLANDI, 2012). Debruçando sobre as duas vertentes, percebo, com o apoio de Maltidier (2003), que a maior distinção entre elas é o trabalho com a externalidade em diálogo com a linguagem. Portanto, não é possível considerar a Análise de Discurso enquanto linha de pesquisa homogênea.

Saber identificar os recursos utilizados na metodologia de análise da AD faz-se importante, principalmente porque diversos estudos dentro da Linguística validaram o envolvimento do sujeito, do contexto social, da ideologia, dentre outros pontos tidos como exteriores à língua no arcabouço estruturalista. Alguns desses estudos trilharam um percurso que articula a mobilização de marcas formais – como análise sintática e morfológica – com as condições de produção do discurso a ser analisado. Sabendo disso, Orlandi (2012) afirma que o produto da análise de um objeto não é meramente linguístico, mas sócio-histórico – o que faz com que os aspectos ligados à língua sejam tidos como pressupostos, ou seja, ainda que a análise seja feita, inicialmente, por elementos estruturais, o gesto final volta-se para a exterioridade constitutiva que se materializa nos elementos linguísticos mobilizados.

Hoje, a AD francesa, em seu vasto campo de saber, também se divide em vertentes com concepções distintas, como a Análise do Discurso Foucaultiana (mais recentemente designada como Estudos Discursivos Foucaultianos – um novo GT da Anpoll) e a Análise de discurso Pecheuxtiana. Ainda que tenha contextualizado a teoria da AD de maneira ampla, discutirei mais especificamente sobre a vertente que delinea esta pesquisa: os pressupostos de Michel Pêcheux. Quando uma¹³ analista de discurso busca compreender questões em torno de discursividades, ela precisa

¹³ Em conformidade ao que propõe Federici (2017), não usarei somente a forma neutra.

levar em conta as condições sócio-histórico-ideológicas que possibilitam que algo seja dito da maneira como foi dito.

Uma analista de discurso faz também um apurado trabalho descritivo-interpretativo, a partir do estabelecimento de leitura das relações de força, cujas estratégias materializam, em determinado período histórico, uma gama de efeitos de sentido possíveis. Além disso, uma pesquisadora, partindo da análise de determinada materialidade, deve direcionar seu olhar sobre esse momento histórico.

Embora não possua vertente única, na perspectiva discursiva, ao organizar seu *corpus* de análise, toda pesquisadora está também escolhendo seu aparato teórico-metodológico, pois, à medida em que os efeitos de sentido vão sendo produzidos, o trabalho de descrição-interpretação decorre da mobilização dos conceitos que vão sendo requeridos pelo *corpus*. Portanto, os aspectos teórico-metodológico-analíticos caminham juntos, sendo indissociáveis. Isso significa que o discurso é analisado em sua totalidade, ou seja, considerando momento histórico, ideologia, heterogeneidades, os não ditos e os já ditos.

Embora a AD, formulada por Pêcheux, rompa com o estruturalismo, ainda carrega no Brasil uma forte ligação com seu precursor, enquanto na França, o momento político fez com que ganhasse novos rumos, dos assumidos desde seu desenvolvimento. Segundo Navarro (2006, p. 26, grifos do autor), é importante destacar alguns pontos da metodologia da AD, à luz do escopo pecheuxtiano:

- a) a unidade de análise tomada por Pêcheux é o enunciado (on a *gagné*) em sua natureza de *acontecimento discursivo* (ele foi produzido por enunciadores e emergiu em uma determinada situação histórica);
- b) esse enunciado não é tomado como elemento autônomo; ele se insere em uma rede de outros enunciados e, por isso, relaciona-se com enunciados anteriores (*por um imenso trabalho de formulações retomadas, deslocadas, invertidas*) e provoca o aparecimento de enunciadores ulteriores (*na voz de vários enunciadores que irão retomá-lo, desdobrá-lo, deslocá-lo etc.*). Ele se insere, portanto, *em um contexto de atualidade e convoca um espaço de memória*;
- c) como todo enunciado, seu sentido não é evidente, não é transparente: ele permite que a mídia promova um jogo *oblíquo de denominações*, por meio de paráfrases que aludem ao mesmo fato (a vitória de Mitterrand), mas que não têm a mesma significação.

Dentro de um enunciado, estão vários outros que não foram ditos, esses não ditos importam na análise, pois, é a partir deles, que o enunciado em questão existe. A AD francesa possui sua base na Linguística e está inserida em um *lócus* histórico-

ideológico. Esse movimento encontra-se, em Pêcheux (2009), entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia – o que exige da analista voltar-se para a materialidade da língua e sua exterioridade. Com isso, o autor situa a relevância das condições de produção no processo analítico, isto é, compreender que o objeto de pesquisa a ser analisado é mobilizado por sujeitos e possui uma história, uma ideologia, por isso a produção de sentidos só ocorrerá se vinculada a esses dispositivos.

O conceito de ideologia, tão discutido nas obras de Pêcheux (2009), liga-se à forma como a noção é tratada por Althusser (1985) e pelo materialismo histórico – a isso se dá o uso da palavra *materialista* em muitos trabalhos ligados à vertente pecheuxtiana. A ideologia precisa da reduplicação especular para se constituir e funcionar assertivamente. Segundo Beck e Esteves (2012, p. 138), essa reduplicação seria o “centro da ideologia” e toda ideologia possui um centro e interpela ao redor os outros sujeitos. Ou seja, toda ideologia possui um sujeito que habita no centro e interpela os demais. No bojo desse funcionamento, opera uma falsa sensação de “unidade diferencial no meio da multidão” por parte do sujeito – o que o impede de perceber o interdiscurso, de outros sujeitos em sua formação. Porém, na ideologia, esse processo se dá de várias maneiras. Primeiramente, temos o Bom sujeito que, segundo (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 215), trata-se de uma modalidade:

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento, sob forma do “livre consentimento”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito.

Já o segundo sujeito, seria aquele “autônomo”, que é independente de um ser divino, ou um mau sujeito, uma vez que age sozinho, de forma independente. Nas palavras de Pêcheux (1997, p. 215):

A segunda modalidade caracteriza o discurso no qual o *sujeito da enunciação* “se volta” contra o *sujeito universal* por meio de uma tomada de posição” que consiste, desta vez em uma separação (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta... com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”, luta contra a evidência ideológica, sob o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno.

Após o sujeito que “se voltar contra o criador”, temos o terceiro sujeito, aquele que não se identifica dentro da formação discursiva, aquele que busca outras saídas, ou de acordo Zizek (2011, p. 209-210):

[...] estamos lidando aqui com o que ficamos tentados a chamar de prática ideológica de desidentificação. Ou seja, devemos inverter a noção padronizada de que a ideologia fornece uma identificação firme a seus sujeitos, restringindo-se aos “papéis sociais”: e se, num nível diferente, mas não menos irrevogável e estruturalmente necessário, a ideologia for eficiente exatamente por construir um espaço de falsa distância das coordenadas reais da existência social do sujeito? Não é a lógica da desidentificação discernível desde o caso mais elementar do “não sou apenas um (marido, operário, democrata, homossexual) norte-americano, mas sou também um ser humano, uma personalidade complexa e única” (em que a própria distância da característica simbólica que determina meu lugar social garante a eficácia dessa determinação).

No feixe de tal condição é que a ideologia age por meio da interpelação – o que faz o indivíduo passar de simples sujeito para sujeito ideológico, ou seja, que está submetido a um processo maior, de um lugar discursivo específico em meio às relações na sociedade. O processo de interpelação ou assujeitamento ocorre a partir das lutas de classes e pelas posições político-ideológicas assumidas pelos mais distintos indivíduos. Emergem, então, os sujeitos ideológicos alocados nos espaços de relações discursivas e considerando suas posições, começa-se a criação de discursos homogêneos e estabilizados, que se dividem em blocos, chamados de Formações Discursivas (FDs).

As FDs voltam-se para um campo onde são demarcadas determinadas significações. Sendo assim, cada FD remete a uma FI (Formação Ideológica). Para Pêcheux e Fuchs (1997, p. 163), cada FI forma feixes de atitudes e representações ligadas a posições de classes em constante e direto embate. Então, na esteira dos autores, adoto “[...] formação ideológica para caracterizar um elemento [...] suscetível de intervir como uma forma em confronto com outras forças na conjuntura ideológica, característica de uma formação social em dado momento”.

Para discutir sobre as FIs, será necessário resgatar o conceito de *regularidade* discursiva. Como o próprio nome já sugere, a ideia de utilizar tal noção é delimitar uma ordem dentro de FDs. Ainda que este trabalho adota a vertente pecheuxtiana, retomo de Foucault (2010) tal conceito a fim de apontar as noções que dialogam entre si na AD francesa, mesmo em vertentes distintas.

A regularidade discursiva advém da mobilização, dentro dos acontecimentos discursivos, do que se mostra ter um funcionamento de correlações entre si, ou seja, dos fatos/enunciados que dialogam e se manifestam cúmplices mutuamente. Para trabalhar com a noção de FI, Pêcheux fundamenta-se tanto na noção de ideologia de Althusser, quanto na resignificação de FD, conforme Foucault, a partir do que conhecemos por regularidade discursiva:

As contribuições de Althusser, Foucault, Lacan e Bakhtin vão operar essa articulação entre regiões do conhecimento no alicerce da AD. Levando esses pilares para a reflexão sobre a articulação entre língua, sujeito, discurso e história, Michel Pêcheux constituiu o edifício da Análise do Discurso em movimentos teórico-analíticos nos quais o seu pensamento se aproximou desses outros pensadores (GREGOLIN, 2003, p. 25).

As Formações Ideológicas são frutos das condições de produção e são materializadas por meio de Formações Discursivas. Assim, é possível notar as diferentes elaborações de enunciados que se encaixam em moldes padronizados seja por relações de força, por relações de sentido ou por relações sócio-históricas. Nesta pesquisa, utilizarei o *regular* enquanto um grupo de discursividades sucessivas que resultaram, de maneira precisa e significativa, em relações de sentidos dentro de meu *corpus* de análise.

Ainda que o enunciado esteja sujeito à repetibilidade, cada reprodução de si nunca será igual, sendo mutável na medida em que se enuncia. Quando vinculados ao sujeito, o enunciado e a função enunciativa produzem o que faz Foucault (2010) debruçar-se, em um primeiro momento, enquanto objeto de estudo: a relação entre sujeito e discurso. Por isso, proponho olhar para o enunciado proferido por sujeitos discursivos e sua função em meio ao *corpus* aqui traçado a partir de condições de produção próprias: a reprodução de discursos machistas por mulheres no *Facebook*.

Dessa forma, ainda que forem acionados os pressupostos teórico-metodológicos da AD francesa pecheuxtiana, para pensar os movimentos que envolvem mecanismos advindos da esteira de acontecimentos sócio-históricos delimitados nesta pesquisa, mobilizarei conceitos e noções que me permitem trabalhar de maneira interdisciplinar para tratar dos chamados Estudos de Gênero.

2 QUESTÕES DE GÊNERO

2.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

As conquistas femininas sempre foram colocadas em xeque pela sociedade, infelizmente, até pelo próprio público feminino, mas, após as eleições de 2018, no Brasil, os ataques à legitimidade desses movimentos e às suas conquistas têm se intensificado de forma alarmante. Por anos, as feministas lutaram pelo espaço político e social das mulheres, o direito ao voto, ao conhecimento, à carga horária justa na jornada de trabalho, inclusive por direitos ainda pleiteados, como a igualdade no teto salarial durante o exercício do mesmo cargo que os homens.

Apesar das conquistas obtidas para e pela população feminina, os feminismos são cada vez mais criticados devido aos constantes equívocos causados não só pelo desconhecimento do termo, mas principalmente pelo compartilhamento desenfreado nas redes sociais de notícias e imagens que distorcem os preceitos feministas, além da má interpretação de seus ideais e da generalização das várias vertentes e dos movimentos que se intitulam feministas.

Em geral, tais movimentos lutam pela igualdade entre os gêneros, porém o maior equívoco de quem os critica é defini-los todos como “contrários do machismo”. Quando os movimentos são identificados dessa forma, ou até como a busca por uma superioridade ou supremacia feminina em relação aos homens, o sentido das lutas feministas é deturpado, uma vez que tais propostas apenas existem em movimentos extremistas como, por exemplo, o movimento Femen de origem ucraniana que se autointitula “sextremista”^{10,14} e, desde sua criação em 2008, pela ucraniana Anna Hutsol, tem sido associado a diversos atos controversos como a prática da pichação de templos religiosos e vandalismo.

Por fazerem parte da sociedade de base patriarcal ou patriarcado, conceituado por Saffioti (2011, p. 34-35) enquanto sistema “[...] que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”, as mulheres também reproduzem de diversas maneiras discursos machistas como reflexo da mesma sociedade. Um exemplo deste reflexo são os ditos do senso comum, que se devem à historicidade com que determinados dizeres são assumidos

¹⁴ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2013/oct/20/femen-activists-uk-branch-feminism>>. Acesso em: 20 dez 2019.

pela sociedade e ganham *efeito de verdade* (FOUCAULT, 1975). No caso da sociedade patriarcal, eu me refiro a ditos que, em geral, rotulam a parcela feminina que foge aos padrões estabelecidos por ela.

A partir do momento em que a própria comunidade feminina produz discursos que emergem no interior de uma formação discursiva machista, entram em funcionamento o que tenho chamado de “discursos bumerangue”, isto é, tais dizibilidades se voltam contra as próprias mulheres, podendo reverberar na ameaça de apagamento de muitos dos direitos conquistados com muita luta. A fim de adentrar especificidades de todo esse processo, contarei como auxílio a obra de Gilles Lipovetsky (2007), “A terceira mulher: permanência e evolução do feminino”, assim como serão fundamentais, neste estudo, as discussões realizadas por estudos como os de: Arruza *et al* (2019), Biroli e Miguel (2014), Bourdieu (1996), Bonetti (2004), Coelho (2016), Faludi (2001), Ferreira (2015), Louro (2014), Macedo (2006), Matos (2010), Miskolci (2014), Soihet (2008).

2.2 FEMINISMOS

Assim como no capítulo 1 julguei necessário percorrer os caminhos da rede, preciso seguir, aqui, pelos caminhos do feminismo, ou mais acertadamente, pelos feminismos, isto é, pela vastidão de movimentos igualmente denominados. Debruçar-me sobre os feminismos como temática que atravessa meu objeto de análise exigiu olhar para as teorias construídas por estudiosas(os) que propõem pensamentos cheios de representações sociais como fuga às estruturas culturais de desigualdade. Desse modo, senti a necessidade de traçar um histórico tomando como premissa as chamadas ondas feministas, apesar de a ideia de movimento “organizado” em ondas esteja sendo questionada em função dessa classificação ter deixado de lado muitas mulheres e intersecções. De acordo com Laughlin (2010 *apud* FRACCARO, 2018, p. 10):

O questionamento sobre o uso da metáfora das ondas tem sido cada vez mais frequente, por considerar que a periodização entrincheira a percepção do feminismo singular, na qual gênero é a categoria predominante de análise, deixando subsumidos os conflitos de raça e de classe.

Quando falo sobre gênero, trato especificamente do conceito ligado à história dos movimentos feministas. Antes de o *feminismo* ser consolidado enquanto movimento social, algumas mulheres, sozinhas ou em grupos, já realizavam ações contra a opressão dos homens (LOURO, 2014). É na virada do século XIX, no Ocidente, que as manifestações foram ganhando força e adquiriram maior visibilidade, principalmente pelo que ficou conhecido como *sufragismo*¹⁵.

O sufragismo [...] não era capaz de libertar a mulher, apenas a inseria de um novo modo na mesma ordem social opressiva. À medida que suas bandeiras são conquistadas, a mulher é confrontada com a necessidade de se emancipar da emancipação, se ela realmente deseja ser livre (MIGUEL, 2014, p. 24).

O movimento alastrou-se por vários países do Ocidente, com forças e alcances distintos, e passou a ser conhecido como a *primeira onda feminista*. As mulheres que fizeram parte desse acontecimento eram, em sua maioria, brancas e de classe média. Elas reivindicaram ações diretamente ligadas à família, acesso aos estudos e inserção em profissões que não eram consideradas apropriadas. Ainda que tenham lutado muito, depois de realizadas algumas mudanças, é importante destacar sempre que as conquistas não eram homogêneas em todos os países – houve “[...] uma certa acomodação no movimento” (LOURO, 2014, p. 19).

Como mencionado anteriormente, a primeira onda feminista era regida por mulheres brancas e de classe média. Arruzza (2019) expõe um conceito de igualdade quase universal e capitalista, a partir do qual não são levadas em conta as diversidades sociais e financeiras das pessoas – prática que se perpetua até mesmo em movimentos sociais como os feministas. Quando teóricos usam a palavra feminismos, no plural, assumem a compreensão das diversas abordagens com características distintas dentro do movimento. Aspectos como raça, classe social e território são exemplos de elementos que categorizam os sujeitos.

Diante desse cenário é que emerge a *segunda onda feminista*, que se inicia no final da década de 60, ainda presa à homogeneidade de mulheres que só muda, de fato, na terceira onda. Nesse período, além das lutas sociais e políticas empreendidas pelas mulheres, houve mobilizações voltadas para a produção teórica. É possível encontrar, então, as discussões sobre as questões de gênero. Segundo Louro (2014, p. 19-20),

¹⁵ Movimento voltado para englobar as mulheres ao direito ao voto.

Já se tornou lugar comum referir-se ao ano de 1968 como um marco da rebeldia e da contestação. A referência é útil para assinalar, de uma forma muito concreta, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados há algum tempo.

Começou-se o desenvolvimento em massa por diferentes grupos das causas que vão de encontro aos arranjos sociais e políticos que sustentam ideologias universais de silenciamento. Essa onda deve ser vista como um desdobramento de reivindicações que estavam se constituindo e resultaram em outros movimentos específicos.

É a partir desse contexto feroz que surge a *terceira onda*, saindo apenas das ruas e se direcionando a marcar suas lutas nos demais ambientes da sociedade, promovendo uma verdadeira virada contra a homogeneidade (da mulher, das identidades, do próprio feminismo, do sexo, do gênero). Não é fácil tornar visível o que, de certa forma, historicamente se encontra opaco e foi isso que as militantes da ciência procuraram tomar como meta em suas obras.

O processo de segregação política e social a que as mulheres foram conduzidas fez com que houvesse uma intensa invisibilidade de seus corpos enquanto sujeitos também pertencentes à sociedade. Entretanto, é importante notar o rompimento gradativo, de certa maneira, de discursos estabilizados que caracterizavam e predestinavam suas posições dentro de uma cadeia social.

No que diz respeito ao trabalho, as mulheres ocupavam sempre os cargos de “apoio”, nunca de liderança, e isso foi uma das razões vistas pelo movimento feminista – além da escassez de mulheres dentro do campo da ciência, nas letras, nas artes (LOURO, 2014). Assim sendo, as primeiras produções encontram-se focadas na descrição dos diversos e heterogêneos cotidianos pessoal e profissional:

Estudos das áreas da Antropologia, Sociologia, Educação, Literatura etc, apontam ou comentam as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino. Contam, criticam e, algumas vezes, celebram as “características” tidas como femininas (LOURO, 2014, p. 22).

A partir do aprofundamento desses estudos, mulheres começaram a fundar revistas, organizar eventos e iniciar grupos de pesquisa – geralmente, era nesses momentos que discutir questões do gênero estava livre de exclusão, pois, embora a resistência permanecesse por/entre os espaços universitários, essas articulações refletiam em processos nos quais os envolvimento com outros grupos tornavam-se

mais difíceis. Cabe ressaltar que a categoria "gênero" entra na década de 80, conforme Scott (2019). A ideia era que, com esse conceito, fosse possível, principalmente, rejeitar a suposta unicidade identitária.

Os pensamentos engessados que, na prática, reforçam o machismo, nas mãos das feministas, transformavam-se em obras e pesquisas. Nas ciências, as propostas eram de se rebelar aos paradigmas teóricos vigentes e se pautar na desconstrução dos modelos de estudos que até então faziam apenas breves referências em nota de rodapé às autoras mulheres, já que o campo científico era dominado pelos homens. Para Hooks (2018, p. 27), “[...] o movimento feminista criou uma revolução quando exigiu respeito pelo trabalho acadêmico de mulheres, reconhecimento desse trabalho do passado e do presente e o fim dos preconceitos de gênero em currículos e na pedagogia”.

De acordo com Louro (2014), o caráter político merece destaque quando se olha para características dos estudos feministas, pois, por meio deles, era problematizado tudo o que estava estagnado/neutralizado, visando colocar em evidência as lacunas presentes nos pensamentos ativistas pelos direitos humanos. Vale lembrar que os direitos “humanos”, em geral, referiam-se aos homens, certamente brancos e abastados. Também há uma crítica dos movimentos feministas de tendência pós-humanista/anti-especista (como o ecofeminismo) com relação aos direitos humanos tomarem o dualismo homem/natureza da sociedade moderna.

Outro ponto crucial para o movimento foram as autobiografias das pesquisadoras, feitas com o intuito de demarcar o porquê de agirem como agiram e de lutarem pelo que lutaram, considerando o que tinham passado a partir de então. Ao tomar um caráter de relato, as obras fizeram com que fossem reabertas complexas abas de discussão, mas ainda houve a necessidade de amparar-se em teorias mais densas, pois havia questionamentos acerca da utilização somente da voz das mulheres enquanto feministas.

Para Hooks (2018, p. 26),

Produzir um corpus de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem-sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo. Em todas as esferas da escrita literária e da bibliografia acadêmica, trabalhos produzidos por mulheres haviam recebido pouca ou

nenhuma atenção, uma consequência da discriminação de gênero. Notavelmente, quando o movimento feminista expôs preconceitos na composição e currículos, muitos desses trabalhos esquecidos e ignorados foram redescobertos. A elaboração de programas de Estudos de Mulheres em faculdades e universidades proporcionou a legitimação institucional do foco acadêmico em trabalhos feitos por mulheres. Seguindo o surgimento dos Estudos Negros, o programa de Estudos de Mulheres se tornou local de aprendizado sobre gênero, sobre mulheres, a partir de uma perspectiva não tendenciosa.

Seja na literatura produzida ou no próprio método de pesquisa diferenciado, as mulheres se dividiram entre as que utilizaram a teoria marxista como referência fundamental, as que mergulharam na psicanálise e as que fundaram suas próprias teorias, afirmando “[...] a impossibilidade de ancorar tais análises em quadros teóricos montados sobre uma lógica androcêntrica” (LOURO, 2014, p. 24) – resultando no chamado *feminismo radical*. Mesmo havendo as divisões, todas reconheciam uma causa para a opressão feminina e, em seguida, argumentavam para desconstruir tais fatos.

Ainda que assuntos como prazer, corpo, trabalho e política fossem extremamente questionados, não é difícil encontrar “justificativas” para a desigualdade por causa de questões biológicas. Olhando por esse “ponto de vista”, se um homem é biologicamente mais forte, nada mais justo que ele tivesse que “se sacrificar” sendo independente financeiramente e trabalhando para prover a família, enquanto a mulher – considerada mais fraca – devesse ficar em casa ocupando “seu” posto de dependente. Seja no senso comum ou dentro de uma linguagem científica, a desigualdade social acabava se justificando assim facilmente.

Louro (2014) afirma que não há problema algum na diferença biológica, pois de fato ela existe, todavia deve-se mostrar que não são as características sexuais que predestinam os lugares, mas os valores imbricados, como se formam as noções de feminino e masculino, principalmente no âmbito de uma sociedade capitalista:

Sabemos que as sociedades capitalistas são, por definição, sociedades de classes que permitem a uma pequena minoria acumular lucros privativos por meio da exploração de um grupo muito maior, que deve trabalhar por salários (ARRUZZA *et al*, 2019, p. 51).

Compreendo o funcionamento do capitalismo, abordado por Arruzza *et al* (2019), em especial porque tais sociedades configuram uma espécie de origem para

todo tipo de opressão de gênero. Isso significa entender o sexismo enquanto elementar na própria estrutura do capitalismo. Esse sistema criou novos modelos de sexismo – sustentados por novas estruturas institucionais. De acordo com Arruzza *et al* (2019), seu movimento inicial foi separar as pessoas visando ao lucro e, concomitante à atribuição de trabalho às mulheres, esteve sua subordinação. Há uma discussão muito importante a respeito disso no livro de Federici (2017). A autora ressalta sobre como o trabalho doméstico e de cuidado serviu aos propósitos da transição do sistema feudal para o capitalismo e "justificou" o genocídio da caça às bruxas.

Se pensar na atividade de produção de pessoas enquanto vital e complexa, é possível se deparar com a criação e a conservação das discussões sobre questões de cunho biológico e com a capacidade de trabalhar, ou o que Marx (2017[1867]) chama de *força de trabalho*. Isso significa moldar as pessoas com atitudes, disposições e valores considerados corretos ou adequados. Em suma, essas precondições são fundamentais para a consolidação do capitalismo em particular. Nessa sociedade, “[...] a organização da reprodução social se baseia no gênero: ela depende dos papéis de gênero e entrincheira-se na opressão de gênero” (ARRUZZA *et al*, 2019, p. 53). A mesma ótica expande minha visão de luta de classes, sendo igualmente primordiais as lutas políticas voltadas pela libertação das mulheres em seu sentido material e simbólico. Além disso, ao falar sobre libertação, considero, ainda, as demais intersecções entre as mulheres, como a de raça, que também me constitui.

No interior desse movimento, encontro, como discutido até aqui, pretensões igualitárias e democráticas. No entanto, na mesma *ordem discursiva* (FOUCAULT, 2014), eu me deparo com naturalizações e reproduções. Digo isso como forma de retomar questões para além do gênero, conforme mencionado no parágrafo anterior. Com Biroli e Miguel (2014, p. 08), posso ressaltar que “[...] o feminismo não se debruça sobre uma questão ‘localizada’. As relações de gênero atravessam toda a sociedade, seus sentidos, e seus efeitos não estão restritos às mulheres”.

A figura de Simone de Beauvoir (1908-1986) ocupou um lugar fundamental para o feminismo contemporâneo. Para Miguel (2014, p. 25), “[...] ela se tornou uma espécie de lenda em vida, encarnação da mulher liberada dos constrangimentos da sociedade machista, capaz de fazer o próprio caminho”. Isso se deu pela publicação

do livro *O segundo sexo*, que se apresentou como o pontapé na leitura da construção social feminina enquanto agrupamento de ideologias predestinadas ao desmonte de suas autonomias.

Embora Beauvoir se debruce em torno da construção de suas discussões, ela se distanciava do teor político – pensamento esse que vai de encontro com o discurso demarcado pelas feministas: o pessoal é político¹⁶. Outras obras também se destacaram com suas temáticas sobre repressão à sexualidade. Tal debate, já que está vinculado a outra discussão polêmica para os tradicionalistas, resulta expressivamente em incômodo aos antifeministas, apoiados pela mídia (MIGUEL, 2014) e saturados pela militância em circulação nas redes sociais.

De acordo com os dados do IPEA¹⁷ (2011), mulheres negras tiveram renda 44% menor se relacionado às mulheres brancas. Ainda segundo o IPEA (2018), no cruzamento entre o fenômenos da desigualdade social e a forma como ele se materializa no mercado de trabalho, o índice de trabalhos domésticos, 18,6%, corresponde às mulheres negras, enquanto as mulheres brancas têm o resultado de 10 %. O feminismo negro se distancia um pouco de Marx, apresentando uma tendência mais decolonial (em que a raça é tomada como marcador maior de opressão). O movimento permitiu avançar no entendimento acerca dos aparelhos que reproduzem desigualdades, essencialmente porque suas articulações faziam com que a luta pela igualdade de gênero não calasse questões sobre as desvantagens de classe e raça.

Ainda que o movimento feminista tenha conquistado uma pluralidade de direitos, no senso comum, ainda encontro sujeitos que veem o movimento como superado. Sabendo que “[...] o feminismo se definiu pela construção de uma crítica que vincula a submissão da mulher na esfera doméstica à sua exclusão da esfera pública” (MIGUEL, 2014, p. 19), como sugerir o fim de algo que, para nós, deverá ser ininterrupto, visto a circulação de ideologias em prática na história? Não creio que haja uma solução pronta, mas começar a pensar interseccionalmente já é um começo.

Embora o conceito Interseccionalidade tenha surgido no Direito, pelas mãos da ativista negra Kimberlé Crenshaw, em 1989, tanto o termo quanto o conceito tem

¹⁶ Segundo Jacqui Alexander (2005), também é espiritual.

¹⁷ O IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, vinculado ao ME – Ministério da Economia, consiste em uma fundação pública cujas atividades se desenvolvem sob tutela do governo federal.

sido “usados” para causar um “Efeito bumerangue”. Isso ocorre, pois se tem proposto e feito a troca da expressão Feminismo Negro por Feminismo Interseccional. Atitude que causa o apagamento de sua origem afrocêntrica e acaba por agradar o opressor, o “explorador” e o “racista” tendo em vista que um conceito tão importante contribui para a merecida visibilidade do movimento ao qual pertence.

Este “saqueamento”, como aponta Akotirene (2020, p. 51), vai além de um simples termo, já que alcança tanto a “[...] riqueza conceitual, como a apropriação do território discursivo feminista negro”. Akotirene (2020, p. 51) ainda atribui o furto do conceito ao fato dele ter sido cunhado em campo “[...] manuseado pelo brancocentrismo, punitivismo e criminalização de pessoas negras”. O Direito de universalizar conceitos para que, assim, as diferenças sociais resultantes da vivência de cada um desapareçam é tão simplista quanto os que sucumbem a “síndrome de Morgan Freeman”, como nos afirma Ribeiro (2018, p. 76).

O Feminismo negro existe e é necessário, porque nós, como Mulheres e como Negras, precisamos lutar pelo direito a todos os ambientes políticos, até mesmo por aqueles que nos deveriam acolher, como o próprio Movimento Negro que, por sua vez, deixa de lado as causas específicas femininas, fazendo com que as mulheres escolham “o mais importante”: o movimento negro ou o movimento feminista quando, na verdade, como reitera Davis (2015, p. 22), “[...] o mais adequado seria como compreender as intersecções e as interconexões entre os dois movimentos.”

Entramos, enfim, na *quarta onda feminista*: o ativismo digital¹⁸, embora não seja consenso entre teóricas de que a terceira onda tenha “acabado” e tenha se iniciado uma quarta onda. Aqui, marquei desta forma devido à ligação do trabalho com as redes sociais, mas sendo ainda uma terceira onda em expansão ou a entrada para uma quarta, é fato de que os feminismos ainda se fazem necessários e mais atuais que nunca, até porque “A liberdade é uma luta constante¹⁹”, duas boas ilustrações disso são os movimentos #MeToo e #meuprimeiroassédio

O movimento #MeToo ou em sua tradução #EuTambém, apesar de ter sido lançado em 2006, pela estadunidense e ativista pelos direitos civis, por Tarana Burk, foi popularizado apenas em 2017 por iniciativa de Alyssa Milano. A atriz hollywoodiana, ao denunciar assédios sofridos por ela em seu Twitter, fez um apelo

¹⁸ Lemos (2009) inclui feminismos negros/decoloniais dentro da quarta onda.

¹⁹ Faço referência à obra de Angela Davis “A liberdade é uma luta constante”.

estimulando que todas as pessoas (homens e mulheres) que sofreram algum tipo de assédio levantassem a *hashtag*. A partir de seu pedido, manifestações tomaram conta dos espaços discursivos de diversas partes do mundo, tanto pelo direito à liberdade de não assédio como por legislação devidamente severa para combatê-lo. De acordo com Lemos (2019, p. 14):

O movimento do #metoo veio a problematizar esta reprodução sistemática da estrutura social acima caracterizada, através da normalização de processos de dominação, entre estes a dominação masculina e consequente subjugação do feminino, no seio de uma sociedade patriarcal, que resulta também na criação de masculinidades tóxicas, legitimadas por este conjunto de valores culturais.

Aliás, o que começou dentro das redes sociais surtiu efeito em *offline*, à medida que serviu de encorajamento a dezenas de pessoas que foram às ruas e outras milhares que pela, primeira vez, puderam se expressar. Além desse movimento, vale destacar a #meuprimeiroassedio lançada pela ONG THINK OLGA, em defesa da menina Valentina - vítima de diversas formas de assédio na internet após competir no *Masterchef Junior*, programa exibido pela Rede Record de televisão em 2015. O que mais chocou nesse caso foi que ela era apenas uma criança participando simplesmente de um reality de culinária e acabou “penalizada por ser bonita demais para idade”. A *hashtag* teve como foco incentivar denúncias sofridas desde as idades mais vulneráveis. Para Silva (2017, p. 229)

[...] apesar da nossa cultura machista ver as mulheres em uma ótica binária que naturaliza as hierarquias entre os sexos, os movimentos feministas e de mulheres estão utilizando a internet como instrumento para questionar, portanto, desnaturalizar o assédio e o estupro. A campanha “Meu primeiro Assédio”, ao denunciar as violências de gênero sofridas durante a infância se configura como uma significativa resistência aos ditames do patriarcado e contribui para a igualdade e fortalecimento da cidadania das mulheres.

Sem sombra de dúvidas, a internet tem servido ao papel social indispensável às lutas feministas, Beleli (2015) retrata sobre como a internet influencia em nosso cotidiano, isso porque, atualmente, conseguimos fazer inúmeras tarefas nesse ambiente. Levando isso em consideração, será que posso afirmar que a comunicação sofre interferência das redes? E, assim, as relações se permeiam pelo

digital? Se as relações sofrem interferência do que se conhece por *online*, isso quer dizer que o contato com a pluralidade da sociedade torna-se mais fácil? Segundo Miskolci (2015, p. 66), nós vivemos sob um novo regime de visibilidade, o qual se divide, na instância da transparência de grupos subalternizados, em dois momentos:

(1) Com a expansão e massificação dos meios de comunicação, como TV e cinema, tem-se um processo de identificação; por exemplo, uma pessoa se identifica com um astro do cinema; essa pessoa se vincula a essa imagem e adere a tal representação; (2) Com o surgimento das mídias sociais (blogs, Twitter, Facebook, Instagram, Youtube, Snapchat, entre outros) há corporificação e personificação em substituição à identificação.

É, então, como se fizéssemos uma alegoria do que somos e nos colocássemos nos papéis principais, nas plataformas digitais, ou seja, encontramos um espaço em que temos voz e vez, mas sem necessariamente precisar nos expor – como já discutimos no tópico 1.2. Sentar em frente à máquina ou simplesmente pegar o celular na mão pode se transformar em atos de resistência e subversão, assim como em mais opressões, ataques e ameaças.

Para Coelho (2016), a internet é um campo de disputas no qual o movimento feminista não passa isento. O chamado *ciberfeminismo* vem como forma de reivindicar maior participação das mulheres na rede. Chego, finalmente, nas temáticas defendidas pelo feminismo para organização, conscientização e propagação de seus ideais nas redes sociais.

Anteriormente, mencionei sobre Beauvoir (1949) e sua obra. De fato, a produção de livros e as militâncias por meio da pesquisa em espaços institucionalizados são de suma importância, no entanto essas materialidades não alcançam a todos na sociedade se não foram disponibilizados em algum meio digital. Por isso, com o uso dessas plataformas, o número de alcance é maior e pode ser indireto, ou seja, por um anúncio, uma notificação de comentário que algum amigo fez, um compartilhamento de publicação, algumas indicações pelas próprias redes sociais, entre outros.

Como forma de não somente militar, mas incitar outras mulheres a mudarem sua forma de ver o mundo, a página “Moça, você é machista”²⁰ é um exemplo de ambiente digital que tem como objetivo a liberdade e a igualdade. Até 04 de agosto

²⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/MocaVoceEMachista>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

de 2019, a página, contando com 798.070 mil curtidas, colocava em xeque ideologias machistas que nós mesmas (mulheres) seguimos por já estarmos tão imersas nelas. O motivo pelo qual eu cito a página é a possibilidade de reforçar o papel da quarta onda nos dias de hoje. Apesar de não ser tão debatida como as demais, as pautas apontadas se constituem pelo que vivemos – experienciados ou apontados por órgãos estatísticos – perpassando pela cultura do estupro, pelos espaços das mulheres nos veículos midiáticos, pelos abusos vivenciados durante a vida, seja no trabalho, na universidade, na rua ou em casa, sobretudo com teor de denúncia (FERREIRA, 2015).

Além das temáticas, o objetivo é alcançar jovens e pessoas que desconhecem a causa, com intuito de esclarecer elementos de ordem do próprio movimento (FERREIRA, 2015). Para tanto, as redes sociais possibilitam a utilização de múltiplos recursos, como os espaços de engajamento dos sujeitos-usuários, a fim de desestabilizar os efeitos de evidência estruturados globalmente.

Como colocado anteriormente, as outras intersecções sob o movimento também entram em voga no *ciberfeminismo*, *lutas sociais e raciais*. Ferreira (2015, p. 8) diz haver uma “fratura tecnológica de gênero”, pois se desconsidera as marcas de diferença quando se pensa em informações tecnológicas. Para ela,

[...] para “medir” o “grau” de tal fratura há que estar atento à articulação de marcadores sociais de diferença (gênero, classe, raça, idade e nacionalidade) quando relacionados à alfabetização (formal, digital e domínio de inglês – por ser a língua franca no ambiente web), à capacidade e oportunidade de acesso à rede, aos usos das tecnologias pelas pessoas, e ao posicionamento na produção, desenho e governança da tecnologia digital (FERREIRA, 2015, p. 8).

Diante do cenário descrito, questiono: pensou-se de maneira desigual quando ponderaram o uso de plataformas digitais enquanto espaço de militância? Não posso afirmar que o nível de escolarização e de oportunidades para acesso a tais recursos são homogêneos, porque, como já trouxe aqui, em um sistema capitalista, conseguimos apenas uma desigualdade velada. Todavia, saliento que as ondas feministas são apenas divididas em primeira, segunda, terceira e quarta, como forma de didatizar o período histórico e sua bagagem. Quero que fique claro que não estou desconsiderando as diferenças econômicas e educacionais dos sujeitos, essas também são motivos de luta. Apenas penso que, enquanto os passos para mudança

estão sendo dados, em um infundável *looping*, o fato de os caminhos e embates não serem iguais não deve ser um fator excludente na defesa e inserção do/no movimento – como comentado no início deste tópico sobre os grupos étnico-minoritários reforçarem a importância de se olhar para outros marcadores sociais além do gênero.

Para longe dessas fraturas sociais, segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio, realizada pelo IBGE (2013), o número de mulheres brasileiras usuárias da internet é mais da metade, totalizando 51, 9%. Noto, portanto, o crescimento da imersão de mulheres à rede – o que possibilita maior acesso às informações vinculadas ao feminismo.

Infelizmente, embora saiba do alcance que essas discussões podem tomar, o feminismo e as questões de gênero vêm sendo utilizados como forma de atrativos para consumo, replicações de notícias falsas e para a distorção de lutas que foram e continuam sendo fundamentais. Como resultado, eu me deparo com mulheres vinculadas aos discursos patriarcais, ou de dominação masculina, que reforçam a consolidação de práticas misóginas e sexistas.

Para encontrá-las, basta andar pelas ruas ou explorar os comentários de publicações postadas por páginas como a que selecionei para este trabalho. Percebe-se, assim, a suma importância das discussões acerca das questões de gênero. Fraser (2009) promove uma reflexão bastante pertinente a respeito das condições de emergência da categoria de gênero, destacando a relação entre feminismo e neoliberalismo, que começa na segunda onda, quando o *boom* do movimento feminista acaba por "coincidir" com o *boom* do capitalismo. Segundo a autora, sua intenção com a obra é integrar contribuições de relevância tanto produzidas pelas novas teorias feministas quanto por estudos cujas críticas ao capitalismo são tão recentes quanto de suma importância:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro (FRASER, 2009, p. 27).

Apesar de ter reforçado o espaço da quarta onda em plataformas digitais, ressalto que esse é apenas o ambiente no qual discursos de resistência percorrem, onde se encontram cenários que procuram construir uma “[...] horizontalização dos movimentos feministas e uma construção coletiva do diálogo intercultural e intermovimentos” (MATOS, 2010, p. 81). Para que isso seja possível, é preciso que haja clareza na excessiva influência enraizada dos países norte-americanos no movimento. A primeira e, de certa forma, a segunda onda lutavam para conquistar o que é, hoje, o nosso país (MATOS, 2010).

Ser dispersão em meio às regularidades das sufragistas que, neste lugar, me serve bem de exemplo, indica entender que sempre haverá uma causa nova para lutar, independente de todas as conquistas alcançadas até este século, pois o mundo está sempre em mudança e devemos acompanhá-lo sabendo, lamentavelmente, que as mulheres estarão passíveis a alcançar depois direitos desfrutados por homens, seja sendo inseridas, seja revolucionando/reinventando tais discursividades e/ou materialidades. Entretanto, em consonância com Matos (2010, p. 88), compreendo que:

Os desafios que o feminismo contemporâneo enfrenta vão muito além das fronteiras dos Estados nacionais – territórios que o movimento feminista estaria ultrapassando ou mesmo borrando, de um modo que acredito ser definitivo. [...] É pela primeira vez que se faz possível e até palpável vislumbrar e reconhecer a idéia do fluxo, do trânsito movimentalista em uma perspectiva crítica entre pensamento e práxis feminista na virada de uma “quarta” onda.

Articular, então, as pautas circunscritas dentro dessa onda com o *online* pode, finalmente, fazer com que subamos uma escada de dois em dois degraus (ou mais). Depois da intensa discussão acerca dos feminismos, penso no incentivo necessário ao avanço das novas pautas feministas – que seguramente se enriqueçam pela presença de cada vez mais mulheres – sobretudo em um período de ofensivas digitais de uma série de grupos opostos a ela. De todo modo, o compromisso dos movimentos não pode ser sinônimo de uma desmobilização dos demais meios de funcionamento da ação política (MIGUEL, 2014).

Dessa maneira, parece-me fundamental realizar uma “[...] perspectivação analítica que destaca a dimensão paradoxal e simultânea de repor igualdade e diferença num regime de complexidade” (MATOS, 2010, p. 86). Dialogando com as palavras da pesquisadora, o sentido (se é que podemos falar no singular), que

orienta a última e atual onda, emaranha-se em uma indagação de não hierarquização de opressões que parte, para os leigos, somente das e para mulheres, quando, na verdade, explode por e pela pluralidade interseccional de nossa sociedade.

2.2.1 O antifeminismo e a violência simbólica

Ainda que eu tenha discorrido sobre como os movimentos feministas são importantes para as lutas em favor da igualdade, saliento, mais uma vez, as mobilizações de mulheres contra o feminismo, dado o recorte deste trabalho é significativo mostrar ações, questionamentos e afirmativas feitas por elas.

Anteriormente, mencionei sobre as mulheres que seguem a “onda” do antifeminismo. A primeira questão que coloco é: o que consideramos como antifeminismo é sinônimo de machismo ou é uma designação para quem não concorda com algumas pautas elencadas pelo movimento feminista?

Em Soihet (2008), a discussão gira em torno das falas de mulheres intelectualizadas para suas épocas e com visibilidade junto aos veículos de mídia. Segundo a autora, as mulheres descritas declaram de forma veemente que não são a favor do feminismo e o fazem pautadas, em geral, na necessidade de as mulheres continuarem no lugar “em que foram colocadas”. Como exemplo, está Adalgisa Nery ao declarar que “[...] a mulher é um complemento do homem” e que ela mesma “[...] não sentia necessidade da liberdade” (NERY, 1971, p.14 apud SOIHET, 2008, p. 193). A fala exemplifica de Nery também explica o feminismo como uma espécie de falha na tentativa de a mulher tomar o “merecido” lugar do homem em tudo, por sentir “inveja” de sua condição, como acrescenta Thomas (1982, p.17):

Ativas, energéticas, altruístas, arrogantes. Querem participar das decisões, fazer parte do clube. O azar é que o homem é sempre melhor machista que mulher (com algumas honrosas exceções) e por mais que essas tentem vão sempre estar na reserva, o lumpen do poder. Afinal, voltando ao Freud, quem tem o pênis são eles.

É possível notar que as duas mulheres tomam para si os discursos e dizeres que encarceram a elas próprias e os usam contra a comunidade feminina da qual fazem parte, ou seja, utilizam a mesma estratégia discursiva dos dominantes, tornando-se antifeministas. Sobre isso conclui Soihet (2008, p.203):

[...] O problema reside em saber que tipo de ação é possível. A tomada de consciência é então indispensável para desencadear o processo de transformação e para assegurar seus resultados, mas não é suficiente. É preciso transformar profundamente as disposições adquiridas por uma espécie de reeducação – aquela que é necessária para perder um mau costume – é preciso, portanto, mudar a ordem simbólica. Lembra a existência de uma autonomia relativa do mundo simbólico, no interior do qual se exerce a dominação masculina. Nesse sentido, a dominação pode se perpetuar e se transformar, embora muito menos do que a gente possa crer, apesar das mudanças tecnológicas e econômicas importantes. Fato que nos faz compreender a presença da dominação masculina expressa no antifeminismo, quer entre mulheres intelectualizadas dos países capitalistas desenvolvidos, como vimos nos Estados Unidos, naquelas dos países periféricos como o Brasil e, também, entre mulheres dos segmentos populares, no caso as Promotoras Legais Populares no Rio Grande do Sul.

Concordo que, inicialmente, foram elas que deram o pontapé para o longo alcance, entretanto os últimos movimentos se voltam a todas as classes com o objetivo de não seguir as regularidades dos dominadores, isto é, não comprar o discurso da opressão. Então, quem é contra tal objetivo segue em confluência com os dominadores ou faz parte de um terceiro lugar?

Discursos políticos, midiáticos, religiosos, das mais diferentes instâncias detentoras do poder, influenciam na propagação de dizeres que deslegitimam e incapacitam a mulher na sociedade. Ao assumirem atitudes diferentes das que são consideradas como adequadas aos padrões de feminilidade e às relações hierárquicas entre os gêneros, as feministas provocam não somente homens, mas também outras mulheres que repudiam tais desvios à normatividade.

Em 1999, Bonetti (2004) realizou uma pesquisa, em Porto Alegre, com mulheres que não se consideravam feministas. Elas eram conhecidas como Promotoras Legais Populares do Partenon (PLPs), as quais procuravam desenvolver atividades sobre a promoção da questão da mulher (BONETTI, 2004). A investigação resultou no encontro de mulheres que ajudavam umas às outras em situações que dizem respeito às demandas como relações familiares, guarda de filhos, reconhecimento de paternidade, entre outras, e que se valiam do discurso “sou feminina e não feminista” – como forma de expressar o distanciamento do que eles propunham com os preceitos do feminismo.

Acho a palavra feminista muito agressiva. É aquela mulher grosseira, que vai abrindo os seus caminhos na força. Eu penso assim, eu não sou feminista, sou feminina. Eu acho que no fundo ela se confunde

muito com o machista. [...] O que eu faço é lutar para a mulher ser reconhecida, para ter seu espaço respeitado. [...] Eu luto pela mulher, pela valorização da mulher. [...] Imagina se eu quero ir contra o homem. Eu não quero perder minha referência feminina. Não acho que a mulher tem que deixar de ser uma referência para o homem. (SIC) (BONETTI, 2004, p.141).

Neste relato, vejo dois dispositivos sendo acionados. O primeiro é a mistura de *feminismo* com *misandria/ femismo* (aqui, usarei o segundo termo, pois é o mais comum dentro das páginas aqui estudadas). A misandria é a ideologia que dita a superioridade da mulher com relação ao homem, fazendo com que elas sejam as opressoras e eles os oprimidos (MACEDO, 2006). Em geral, significa ódio patológico e marginalização do masculino – o que justifica o discurso “eu acho que no fundo ela se confunde muito com o machista”. Mesmo que eu esclareça a distinção entre os dois, penso que o sentido da palavra “igualdade” seja fundamental para justificar, também, um distanciamento do feminismo.

Quando digo isso, refiro-me a olharmos para os sentidos que o enunciado “iguais aos homens” pode produzir. Por exemplo, a *priori*, o sentido dessa igualdade está para a nivelação do feminino e do masculino a espaços e a direitos dentro da sociedade. Entretanto, também podemos entender no sentido absoluto, iguais em tudo, como em aspectos de sexo (ter um pênis) e de sexualidade (gostar de mulheres), neste último, considere a heterossexualidade. A palavra para este caso seria, então, “equidade”, uma vez que as mulheres não querem ser iguais, mas colocadas em condições igualitárias, sendo respeitadas e vistas tal como os homens. Tanto Hooks (2018) quanto Duarte (2019) vão mostrar como essa “má fama” se construiu histórica (e oportunamente) em torno do feminismo. Inclusive, as autoras o fazem problematizando que o ódio aos homens fez/faz realmente parte do movimento (parcialmente, claro).

Além disso, Soihet (2008, p. 198) ressalta que incorporar a dominação, ou seja, não reivindicar ativamente seus direitos, não quer dizer necessariamente a submissão absoluta ao opressor, mas uma “[...] tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta – aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu” – chego ao segundo dispositivo. A autora contempla possíveis recompensas às mulheres que se utilizarem desse instrumento simbólico.

Dentre tais compensações, ressaltam a relativa proteção no mundo do trabalho, através de uma legislação específica, proteção ambígua, porém, com efeitos perversos, levando a discriminações sexistas e ao retorno das mulheres em direção aos setores ditos menos nocivos e mais confortáveis à natureza delas, como o trabalho à domicílio; Também no universo penal a fraqueza das mulheres servia de justificativa para uma irresponsabilidade presumida valendo-lhes, pelo menos no século XIX, uma indulgência particular diante da justiça (SOIHET, 2008, p. 199).

Bourdieu (1996, p. 56) atribui tal atitude das mulheres à dominação masculina, “[...] forma particular e particularmente acabada da violência simbólica”. Isto é, consiste em aceitar ou tolerar reações masculinas sobre si, no domínio da religião, das leis, dos costumes, valendo-se desses recursos. Sabendo disso, acredito que o movimento feminista é visto como outra opressão que desconforta aquelas mulheres que se intitulam antifeministas.

Seria este o problema: “[...] tentar não prendê-las em seus papéis ‘aceitáveis’, seja como filhinhas de papai, criaturinhas românticas, seja como procriadoras ativas ou passivos objetos sexuais” (FALUDI, 2001, p. 20)? De qualquer forma, proponho indagar, tomando Pêcheux (1997) como base: onde, no espaço socialmente ocupado por elas, elas se “tornam” antifeministas, ou estão incluídas nos enunciados machistas que discursivizam? Onde estão envolvidas, acreditando que não são atingidas por formações ideológicas que as firam como mulheres? Para tanto, apoio-me na afirmativa de que as condições de produção determinam o processo discursivo – o que cria uma matriz geradora de sentidos (PÊCHEUX, 1997).

No processo de retomar postulados althusserianos, Pêcheux (1988) afirma que não há classe que exista de maneira prévia à luta de classes, mas sim que se constituem por elas na esteira de mecanismos de produção-reprodução da sociedade, resultando em uma evidenciação da classe de modo natural. A questão é que, na perspectiva pecheuxtiana, essas “evidências” são apenas efeitos ideológicos, e são as ideologias que interpelam o indivíduo em sujeito (PÊCHEUX, 2009).

Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que “recruta” sujeitos dentre os indivíduos (ela os recruta a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (ela os transforma a todos) através desta operação muito precisa que chamamos interpelação, que pode ser entendida como o tipo mais banal de interpelação policial (ou não) cotidiana: ‘ei, você aí!’ (ALTHUSSER, 1985, p. 96, grifos meus).

Então, se pensarmos que o sentido dado pelo sujeito a um discurso é proveniente não propriamente dele, mas sim da posição de onde emerge (com reforço à posição de classe) e se as lutas de classes são asseguradas pela língua, uma vez que é a interpelação que fornece a cada sujeito sua realidade (PÊCHEUX, 2009), não há como caminhar por/entre o espaço discursivo do feminismo se não imersas nele, pois, embora também sejam mulheres, não ocupam esse lugar de fala. Acredito que a FI que nos interpela é a do Patriarcado, de modo que machismo e feminismo são FDs que se produzem a partir dessa matriz ideológica.

2.2.2 Discursos machistas reproduzidos por mulheres e a violência simbólica

Embora eu tenha discorrido sobre a presença das mulheres no *lócus* machista – que, geralmente, é ocupado por homens – ao propor a possibilidade de um terceiro lugar, ou seja, o das antifeministas, notei que, em suma, o antifeminismo pode equivaler ao machismo quando usado para adjetivar mulheres. Sabendo disso, como meu objetivo é investigar a produção de discursos machistas por mulheres, é possível que eu dê os primeiros passos em direção a tal estudo.

Para tanto, e desde já, apoio-me na afirmação de que, assim como as antifeministas, as mulheres que reproduzem discursos machistas, além de não deixarem de ser dominadas, também oprimem àquelas que lutam em nome de todas. Segundo Soihet (2008, p.191), “[...] a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação [...] justificam o apoio de muitas a tais discursos e práticas”. Encontro, então, mulheres que se deslocam do espaço da *sororidade feminina* (HOOKS, 2018) e se inserem na ordem discursiva que reforça o que é patriarcal, ainda que esse lugar discursivo esteja, talvez por hora, estabilizado para homens.

Hooks (2018, p. 23) faz clara explanação quanto à importância desse conceito na história do feminismo ou mesmo no futuro que podemos construir para o movimento e para a sociedade. De acordo com a autora,

[...] a sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade

jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo.

Paralelamente à importância de se pensar na noção de sororidade no rol das lutas por uma sociedade mais justa está o crescimento da violência contra o próprio princípio. Conforme Soares (2016, p. 27), “[...] a violência e o ódio estariam relacionados às mudanças históricas e às transformações sociais pelas quais as pessoas passam, mas igualmente vinculados ao que essencialmente já faz parte do ser humano”. Se há uma nova ordem na qual as mulheres também podem possuir direitos, a violência e o ódio se atrelariam a uma tentativa de bloquear esses avanços sociais e a equidade de gênero.

Ainda com Soares (2016), entendo a violência como uma constante investida na diminuição das mulheres para caracterizá-las como alguém inferior e, assim, possibilitar a manutenção da desigualdade por papéis preestabelecidos na sociedade. Como o trajeto de resistência do corpo feminino passou por tantas modificações ao longo da história, parece-me que há uma obstinação tanto para quebrar com o domínio patriarcal, quanto para fortalecê-lo.

O meu olhar para a violência dos discursos de natureza machista, mobilizados nas redes sociais, sobretudo durante o pleito presidencial do ano de 2018, orientado pela perspectiva discursiva, considera, com Orlandi (2015, p. 20), que “[...] nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos”.

Assim, pelas redes de memória e as possibilidades do discurso sempre se articular em sua atualidade, em relação aos conservadorismos disseminados no *Facebook*, vejo-nos imersas, em concordância com Mittmann (2013), nos dois sentidos em que seguem as forças advindas dessas manifestações: a entrada de/em novos espaços de discursivização e a (re)produção do antigo. A partir do pensamento da autora, está a possibilidade de engajamento em alguma pauta comum, mas, ao mesmo tempo, muitos sujeitos são protegidos pelo anonimato proporcionado pela rede.

As fugas realizadas pelos usuários à ideologia dominante, como um exercício de liberdade, constituem, de acordo com Silveira (2015, p. 104), os *sujeitos e sentidos ordinários*. Nessa passagem, os internautas “[...] se colocam ‘de fora’ dos enunciadores e produtores de um discurso político-midiático tradicional, sob o efeito de que não são afetados pelos sentidos impostos pelas mídias de massa e pelos discursos políticos em circulação nessas mídias”. Se, por um lado, trata-se de uma tentativa de ruptura de práticas dominadoras, por outro, encontro o seu fortalecimento pela estrutura presente nas mídias. Em qualquer um desses pólos de identificação e filiação a uma FD, portanto, ocorre o processo de oposição a um discurso considerado em destaque, sobretudo por parte das interações dos visualizadores acerca de determinado assunto.

Pelo efeito de permissividade e/ou na visibilidade de dizeres antes não legitimados, então, entram em jogo as discussões acerca das fronteiras da liberdade de expressão. De acordo com Komesu (2010, p. 355, grifos da autora),

[...] a *necessidade* (incessante) de *falar* qualquer coisa é modo de permanência dos sujeitos no campo da visibilidade na sociedade contemporânea. Essa necessidade de falar é radicalmente fundada na *impossibilidade* (histórica) de *dizer* (de pensar, de criticar) o *novo* na e pela linguagem dos sujeitos.

Hoje, o extremismo se encontra em todas as parcelas da sociedade e, por seu caráter “tentador”, repleto de discursos-bumerangue, acaba se colocando em foco na mídia, servindo, assim, como representação de uma gama de movimentos distintos, como os feminismos. Um exemplo claro e atual é o grupo sextremista¹⁰ Femen que, com sua matriz na Ucrânia, tem comandado uma série de “ataques” ao sistema patriarcal, porém, ao assumir atitudes extremistas e agressivas, foge do contexto de todos os movimentos em desenvolvimento.

No Brasil, a comunidade era liderada por Sara Winter que, durante anos, se declarou como ferrenha defensora dos direitos das mulheres sobre o próprio corpo, entretanto, hoje após romper com movimento, declara-se mãe e cristã, haja visto que, por essas novas qualidades, coloca-se como defensora do Messias e recuperada da fase “feminista”. Como pudemos observar, Sara (até o início do ano de 2020) migrou de um extremo a outro e se vinculou ao presidente eleito Jair

Bolsonaro, vindo a recentemente comandar um ataque armado aos ministérios em nome da “defesa” do presidente²¹ e ainda se declarar contra “o feminismo”.

Dentro das páginas *Jovens de Direita* e *Jovens de Esquerda*, por diversas vezes, encontrei exemplos de discursos que se inserem em tais formações discursivas “contra” o feminismo, mas usando como base, figuras como Sara. Inclusive avatares femininos se colocam nessa posição, então posso concluir que os avatares femininos antifeministas, em geral, conhecem apenas o lado “midiático”²² de todo movimento, demonstrando revolta e instigando-se a (re) produzir discursos machistas, como única forma de “cura”.

²¹ Disponível em: < <https://istoe.com.br/os-extremistas-avancam/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

²² Esse lado midiático é bastante explorado por Hooks (2019).

3 DISCURSOS MACHISTAS, DISPUTA POLÍTICA E REPRESENTAÇÃO DA MULHER

3.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Como forma de imersão no campo analítico, entendo a corrida presidencial de 2018, no Brasil, não apenas enquanto impulsionadora de uma disputa entre forças políticas contrárias nas urnas, mas como um acontecimento que propagou o embate entre diferentes Formações Discursivas, sobretudo ao considerarmos o engajamento dos presidenciáveis nas redes sociais e a facilidade da disseminação dos dizeres que ali circulam, como tenho problematizado desde o início desta dissertação.

Composto, em sua fase final, pelo embate entre a chapa de Fernando Haddad, do PT, e a de Jair Bolsonaro, do PSL na época, o pleito presidencial segmentou o país em duas principais FDs opostas: a *#elesim* *versus* a *#elenão*. Ligada a não adesão ao presidenciável, a *#elenão*, segundo Santos (2019, p. 428), “[...] repudiava qualquer chance de um indivíduo, que classificavam como machista, misógino, racista, sexista e homofóbico, ser eleito presidente do Brasil” e foi liderada por mulheres. Contrariamente à dimensão assumida pela *hashtag*, foi criada a *#elesim*, enquanto forma de publicizar o apoio ao representante do PSL e às causas defendidas por ele.

A movimentação de conteúdos na internet seguiu intensa, especialmente durante o segundo turno, em que a divergência entre as ideologias foi incendiada pela ascensão do que chamo, aqui, de um “discurso de encorajamento”. A partir deste trabalho, utilizo dessa expressão para me referir, principalmente, aos discursos do então candidato à presidência Bolsonaro, que se mostrava a favor da intolerância às conquistas de comunidades historicamente marginalizadas como os negros, indígenas, LGBT e mulheres.

Apesar de reconhecer que tais manifestações de ódio às históricas lutas empreendidas por esses grupos já pudessem existir na sociedade brasileira, creio que a presença de um candidato que legitimou tais dizeres, obtendo tanto foco na mídia nacional e internacional, e dando fomento à população para reproduzi-los desveladamente.

3.2 A MONTAGEM DO ARQUIVO DISCURSIVO

Ciente do processo descrito no item anterior e para pensar a coleta de dados do presente estudo em ambiente digital, assumo a perspectiva de que “[...] a especificidade da análise do discurso está em que o objeto, a propósito do qual ela produz seu ‘resultado’ não é um objeto linguístico, mas um objeto sócio-histórico, onde o linguístico intervém como pressuposto” (ORLANDI, 1996, p. 53).

Com tais concepções, o *arquivo*, compreendido “[...] no sentido amplo de ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’” (PÊCHEUX, 2010, p. 51), foi constituído a partir de um mapeamento de postagens e comentários resultantes de manifestações das internautas, especificamente nas páginas do *Facebook Jovens de Direita* e *Jovens de Esquerda*.

Levando em conta os objetivos da dissertação, inicialmente, busquei as publicações do ano de 2018. O período foi escolhido a partir das eleições, em que observei a circulação de discursos extremistas, de cunho machista, e ditos do senso comum, dentro do espaço virtual, sobretudo usados como ofensa no embate entre discursos cujas afirmações dizem respeito a posições político-partidárias divergentes.

Para fins de pesquisa, foi necessário fazer parte das duas páginas como membro para que se pudesse realizar a observação, esta que não se enquadra no certame que envolve pesquisa-ação, assim não intervi em nenhum dos diálogos ou movimentos realizados pelos outros usuários.

Na montagem do arquivo, utilizei as palavras “mulher” e “feminismo” na ferramenta de consulta do *Facebook*. Nos filtros de busca, selecionei como classificação as publicações mais relevantes de acordo com o critério da rede social, em detrimento das postagens mais recentes e restringi os resultados ao ano de 2018. Situando o corpo feminino em tal espaço temporal, resgatei as publicações em que constavam, na descrição ou nos comentários, as palavras mencionadas acima. Focalizando a palavra “mulher”, recortei, especialmente, os enunciados que recuperavam esse termo em ambas as páginas. Já no que concerne à palavra “feminismo”, ela foi adotada por aparecer nas publicações, regularmente, como uma expressão antônima ao machismo e de oposição aos discursos que engessam o corpo feminino em um papel determinado.

A página *Jovens de Esquerda* (ilustrada na figura 2)²³ foi criada no dia 5 de junho de 2017 e, até o dia 10 de dezembro de 2019, foi curtida por 965.356 perfis e seguida por 990.767 usuários.

Figura 2 – Print da página *Jovens de Esquerda*



Fonte: *Print* realizado pela autora em 10 dez. 2019

Já a página *Jovens de Direita* (ilustrada na Figura 3)²⁴, em contrapartida, foi fundada em 14 de novembro de 2013 e, até 10 de dezembro de 2019, contava com 372.945 curtidas e 373.140 seguidores.

²³ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

²⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdedireita/>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Figura 3 – Print da página *Jovens de Direita*

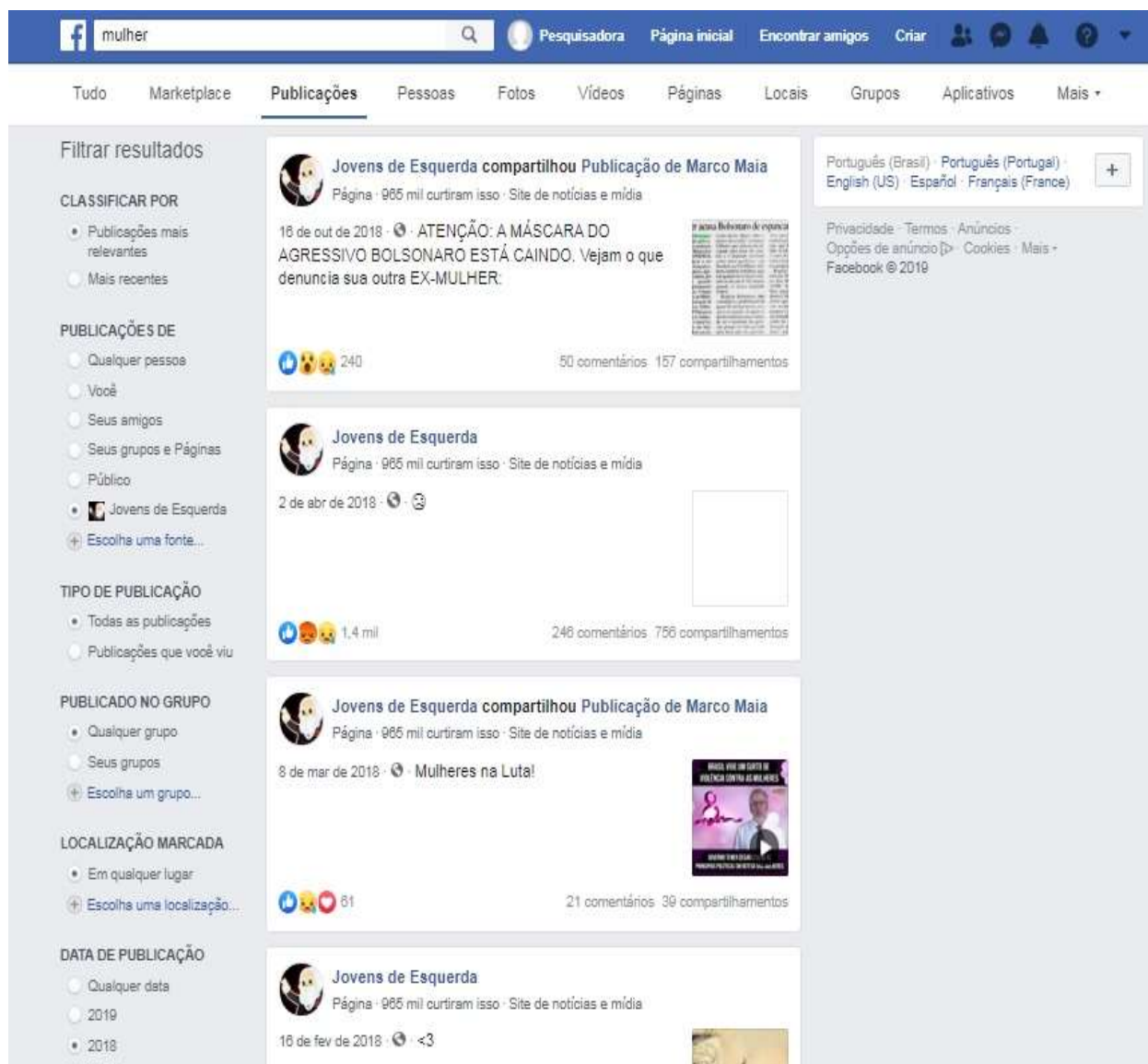


Fonte: *Print* realizado pela autora em 10 dez. 2019

A seleção do *Facebook* apresentou como resultados relevantes da página *Jovens de Esquerda* 36 postagens ligadas ao feminismo e 50 publicações associadas ao termo “mulher”. Já para a busca na página *Jovens de Direita*, obtive 45 postagens com o termo “feminismo” e 48 publicações que mencionam a palavra “mulher”, ou seja, é intrigante observar que essa página contrária ao feminismo tenha número maior de postagens sobre a temática.

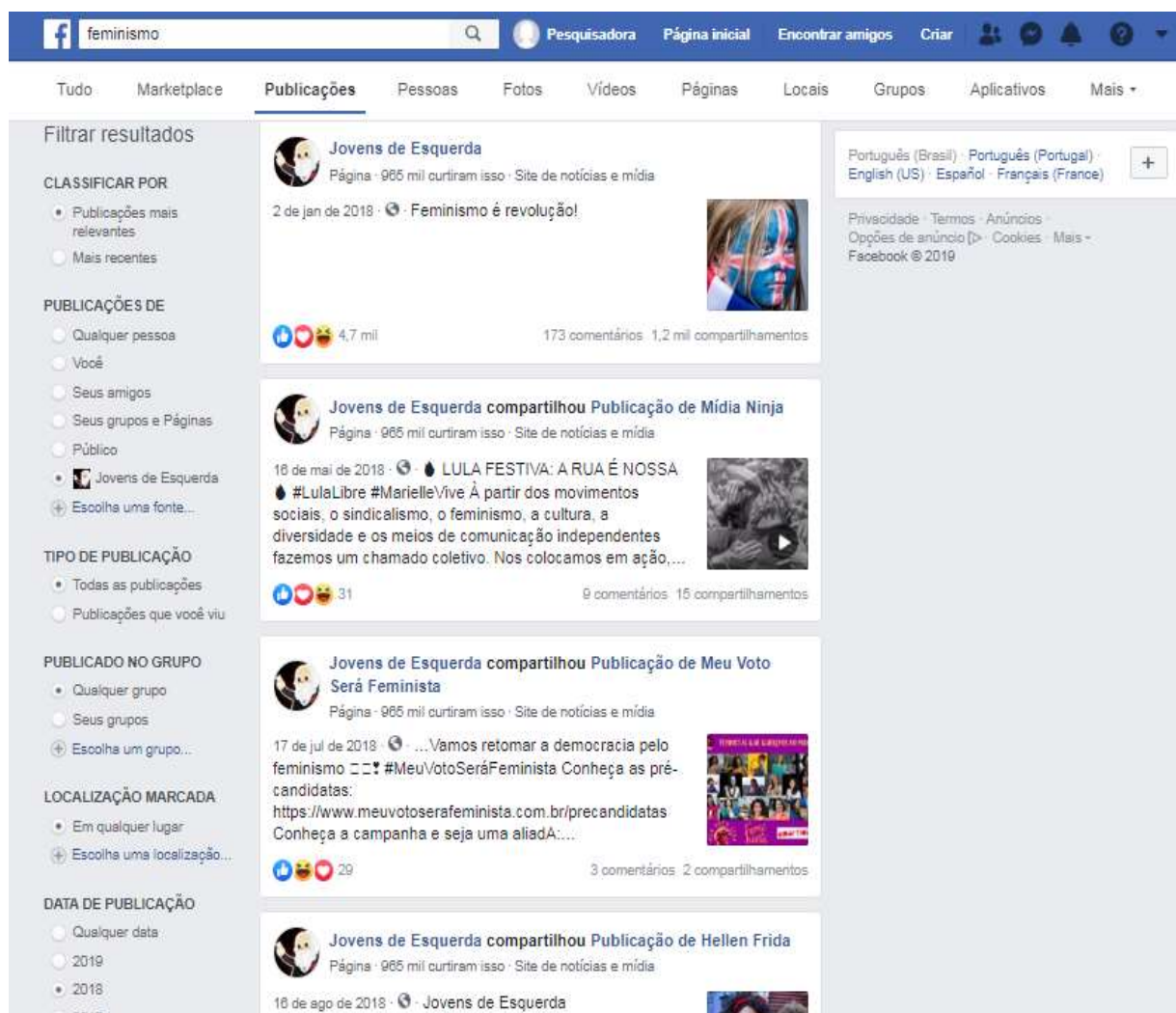
Nas figuras 4 e 5, a seguir, apresento *prints* da aplicação dos filtros de busca na página *Jovens de Esquerda*:

Figura 4 – Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra *mulher* na página *Jovens de Esquerda*



Fonte: *Print* realizado pela autora em: 10 dez. 2019.

Figura 5 – Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra *feminismo* na página *Jovens de Esquerda*



Fonte: *Print* realizado pela autora em: 10 dez. 2019.

Nas figuras 6 e 7, a seguir, apresento *prints* da aplicação dos filtros de busca na página *Jovens de Direita*:

Figura 6 – Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra *mulher* na página *Jovens de Direita*



Fonte: *Print* realizado pela autora em: 10 dez. 2019.

Figura 7 – Print do filtro aplicado para pesquisa da palavra *feminismo* na página *Jovens de Direita*

The screenshot shows the Facebook interface with the search term "feminismo" entered in the top search bar. The page is set to "Pesquisadora" (Searcher) mode. The navigation bar includes links for "Página inicial", "Encontrar amigos", "Criar", and various icons. Below the navigation bar, there are tabs for "Tudo", "Marketplace", "Publicações" (selected), "Pessoas", "Fotos", "Vídeos", "Páginas", "Locais", "Grupos", "Aplicativos", and "Mais".

On the left side, there is a "Filtrar resultados" (Filter results) section with the following categories:

- CLASSIFICAR POR** (Sort by):
 - ☒ Publicações mais relevantes (Most relevant)
 - ☐ Mais recentes (Most recent)
- PUBLICAÇÕES DE** (From):
 - ☐ Qualquer pessoa (Any person)
 - ☐ Você (You)
 - ☐ Seus amigos (Your friends)
 - ☐ Seus grupos e Páginas (Your groups and Pages)
 - ☐ Público (Public)
 - ☒ Jovens de Direita (Jovens de Direita)
 - [+ Escolha uma fonte...](#)
- TIPO DE PUBLICAÇÃO** (Type of post):
 - ☒ Todas as publicações (All posts)
 - ☐ Publicações que você viu (Posts you've seen)
- PUBLICADO NO GRUPO** (Posted in group):
 - ☒ Qualquer grupo (Any group)
 - ☐ Seus grupos (Your groups)
 - [+ Escolha um grupo...](#)
- LOCALIZAÇÃO MARCADA** (Location tagged):
 - ☒ Em qualquer lugar (Anywhere)
 - [+ Escolha uma localização...](#)
- DATA DE PUBLICAÇÃO** (Date of publication):
 - ☐ Qualquer data (Any date)
 - ☐ 2019
 - ☒ 2018

The main content area displays three posts from "Jovens de Direita" (a page with 372,000 likes and an "Organização política" category):

- Post 1:** "Jovens de Direita compartilhou Publicação de Vamos falar de Política?". Text: "11 de fev de 2018 · Grandes conquistas do feminismo! CDC: Isaac Neube". Image: A collage of photos. Reactions: 438. Comments: 12. Shares: 146.
- Post 2:** "Jovens de Direita". Text: "4 de jan de 2018 · 'O feminismo luta pelas mulheres.'". Image: A text-based graphic. Reactions: 2,6 mil. Comments: 48. Shares: 1,1 mil.
- Post 3:** "Jovens de Direita compartilhou Publicação de Nicolas Marques". Text: "29 de mar de 2018 · O feminismo não defende as mulheres, defende apenas uma ideologia de esquerda e tão somente isso!". Image: A photo of a person. Reactions: 4,1 mil. Comments: 112. Shares: 1,9 mil.

On the right side, there is a language menu showing "Português (Brasil)", "Português (Portugal)", "English (US)", "Español", and "Français (France)". Below it, there are links for "Privacidade", "Termos", "Anúncios", "Opções de anúncio", "Cookies", and "Mais". The footer of the right sidebar says "Facebook © 2019".

Fonte: *Print* realizado pela autora em: 10 dez. 2019.

A partir do *arquivo*, sistematizei as aparições de comentários que fazem apologias machistas e, desse montante, separei os que são produzidos por avatares femininos. Na página *Jovens de Esquerda*, para a entrada “mulher”, 46 postagens de seguidores da página apresentaram comentários machistas, sendo que, em 32 delas, observei a manifestação de discursos machistas por mulheres. Nessa busca, não identifiquei discursos machistas em apenas 4 postagens. Para a palavra “feminismo”, das 36 publicações, 4 não mostraram exemplares de discursos machistas, 32 continham engajamentos escritos com dizibilidades machistas e, desse total, as mulheres assinavam por 19.

Na Tabela 1, a seguir, apresento o resultado das buscas na página *Jovens de Esquerda* pelos dois filtros utilizados:

Tabela 1 – Filtros utilizados para a pesquisa na página *Jovens de Esquerda*

Palavra – Feminismo.	Palavra – Mulher.
25 postagens.	50 postagens.
Classificação – Publicações mais relevantes.	Classificação – Publicações mais relevantes.
Tipo de publicação – Todas as publicações.	Tipo de publicação – Todas as publicações.
Publicado no grupo – Qualquer grupo.	Publicado no grupo – Qualquer grupo.
Localização marcada – Em qualquer lugar.	Localização marcada – Em qualquer lugar.
Data de publicação – 2018.	Data de publicação – 2018.

Fonte: Elaborado pela autora em: 10 dez. 2019.

Na página *Jovens de Direita*, por outro lado, registrei que, com o termo “mulher”, 1 postagem não foi comentada, 10 não apresentaram participações com discursos machistas e, em 37, apareceram comentários machistas. Dentre essas, mulheres produziram enunciados machistas em 24. Para a palavra “feminismo”, 37 publicações continham comentários machistas e, dessa somatória, avatares femininos produziram discursos machistas em 32. Na mesma busca, 1 postagem não obteve comentários e, em 10, não observei a presença do machismo por parte de seguidores.

Na Tabela 2, a seguir, apresento o resultado das buscas na página *Jovens de Direita* pelos dois filtros utilizados:

Tabela 2 – Filtros utilizados para a pesquisa na página *Jovens de Direita*

39 postagens.	46 postagens.
Palavra – Feminismo.	Palavra – Mulher.
Classificação – Publicações mais relevantes.	Classificação – Publicações mais relevantes.
Tipo de publicação – Todas as publicações.	Tipo de publicação – Todas as publicações.
Publicado no grupo – Qualquer grupo.	Publicado no grupo – Qualquer grupo.
Localização marcada – Em qualquer lugar.	Localização marcada – Em qualquer lugar.
Data de publicação – 2018.	Data de publicação – 2018.

Fonte: Elaborado pela autora em: 10 dez. 2019.

Segundo Dias (2005, p. 45, acréscimos meus), os arquivos em rede “[...] se constituem de modo aberto, [são] passíveis de desconstrução, e cuja natureza define-se pela própria estrutura fluida e não-linear da Internet, pela estrutura em teia”. Compreendendo que as publicações podem ser excluídas ou sofrer alterações, coletei os engajamentos por meio de *prints*. O conjunto das amostras obtidas são apresentadas nos anexos.

3.3 GESTOS DE INTERPRETAÇÃO

Na vertente teórica adotada, o gesto de interpretação é, aquilo “[...] que, perceptível, ou não, para o sujeito e seus interlocutores, decide a direção dos sentidos, decidindo assim sobre sua própria ‘direção’ (identificação, posição-sujeito etc.), ao inscrever-se em formações discursivas, reflexos das formações ideológicas” (ORLANDI, 2013, p. 6-7), realiza-se na junção entre o sujeito, a língua e a história. Assim, aciono, para a leitura do *corpus*, as materializações do discurso por meio de teias sócio-históricas, ligadas ao processo de descrição dos enunciados.

A partir de um gesto inicial de leitura, descrição “feminismo versus conservadorismo”, a publicação feita pela página *Jovens de direita* (SD I) alcançou 2,4 mil curtidas, 93 comentários e 998 compartilhamentos. Feita em 24 de outubro de 2018, quatro dias antes do segundo turno da eleição presidencial, a postagem gira em torno de mostrar o “perigo” de um dos movimentos que vai de encontro às ideologias patriarcais: o feminismo.

No título da postagem, chama a atenção como as formulações reproduzem diretamente o efeito de polarização. Aliás, em uma sociedade dualista/monoteísta, é frequente a defesa da ideia de apenas duas possibilidades de existência. Na imagem, vejo uma relação de poder explicitada na divisão entre uma oprimida e uma opressora. Nessa relação, a opressora é uma alegoria do ser feminista, enquanto a oprimida pode ser descrita como uma metáfora da mulher padrão, aquela que é discreta, mãe de família e religiosa.

Figura 8 – Sequência Discursiva I – Postagem feita pela página *Jovens de Direita*



Fonte: Print elaborado pela autora em 02 maio 2019. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2781755931850582&set=pb.100000486073059.-2207520000..&type=3>>. Acesso em: 02 maio 2019.

Ainda que uma materialidade discursiva seja passível a diferentes gestos de interpretação (ORLANDI, 2007), a relação que se atribui entre ela e a história permite compreender o sentido inscrito em sua própria *corporeidade* (SANTOS, 2017), enquanto materialidade significante (LAGAZZI, 2010). Na imagem, há o apagamento da figura humana em uma espécie de animalização do sujeito feminista que é discursivizado enquanto sentada em posição primitiva, como se rosnasse ao caçar a figura da outra mulher.

Além disso, diversos elementos estereotipam, generalizam e predefinem maneiras de ser e existir. Trata-se da representação de duas mulheres que simbolizam ideologias políticas divergentes. Para fazer tal afirmação, apoio-me nas marcas que estão desenhadas em suas peles. Do lado direito, com o número 17, pintado na testa de uma das mulheres, remete-se à sigla de candidatura do ainda presidencial Bolsonaro, de extrema direita, quando ainda fazia parte do PSL.

As cores designadas para cada número (verde e amarelo) vinculam-se à campanha do atual governo, que estipulou nossa bandeira como representação de apoio às práticas do presidente (QUINTANA; SOUZA; SANTOS, 2019) – o que a demarca com o símbolo bolsonarista. Essa articulação, de acordo com Quintana, Souza e Santos (2019, s/p), funciona como uma forma de “[...] reiterar um patriotismo e defender um ideal de unidade nacional”, isto é, desconsiderar a sociedade fragmentada e plural na qual estamos inseridos e se voltar apenas para a tentativa de homogeneização dos sujeitos – o que exclui e sobrepõe diferentes classes sociais.

Do lado esquerdo, sobressai-se o uso da #elenão. Tal recurso foi – e ainda é – utilizado, nas redes sociais, como dispositivo de resistência (SANTOS, 2019) contra quaisquer demonstrações de violência, seja de gênero, de classe ou de raça, que possam estar ligadas ou façam referência a discursos anteriormente provenientes do candidato Jair Bolsonaro (aqui identificados como discursos de encorajamento), enquanto a #elesim está diretamente ligado ao apoio ao mesmo e seus discursos.

Entretanto, no que se refere à #elenão, a discussão se torna um pouco mais densa, uma vez que quem a utiliza não necessariamente seja de esquerda e associado ao PT (logo a Haddad, seu candidato), embora esse efeito de sentido se produza também. Os adeptos da #elenão são plurais e podem estar vinculados a outros partidos, candidatos, ou a nenhuma das chapas concorrentes, ou seja, o descontentamento não é um privilégio petista, como alegado pelos defensores da #elesim. Aqui, percebo um equívoco entre a denominação de quem seriam, de fato, os adeptos a essa *hashtag*.

O sujeito feminino representado carrega no corpo tatuagens de símbolos diversos. Uma vez que as pessoas costumam tatuar apenas imagens ou símbolos a que são simpatizantes, a disposição das tatuagens remete a questões ideológicas. Nos ombros, é como se carregasse a *Rede Globo* de televisão e, no reflexo da identidade visual da emissora, observo o símbolo do comunismo. Juntas, as duas representações em evidência em relação à localização de outras tatuagens.

Nas costas, as redes sociais são representadas pelas logomarcas do *Youtube*, *Twitter* e *Facebook*. Na linguagem verbal, um escrito que parece reger as

outras plataformas é a presença da formulação “FOLHA”, em caixa-alta, e as três estrelas que igualmente simbolizam o jornal da *Folha de São Paulo*.

Nas costelas, a *hashtag* #elenão está grafada, assim como nas coxas. É como se o movimento só tivesse vez nestas plataformas de comunicação. Na testa, a corporeidade retratada carrega o símbolo que parece ser do feminismo, mas está violado. O mesmo símbolo se repete no joelho, na parte do corpo que dá movimento ao resto, e a cabeça comanda todos os outros movimentos, por isso dá a entender que o movimento não tem legitimidade, ou legalidade, uma vez que está articulado de forma equivocada e assim “anda” de forma errada também. Nas nádegas, a estrela que representa o Partido dos Trabalhadores e, na sequência, na parte protuberante das nádegas, encontra-se o símbolo do UOL.

Ainda na esteira desse percurso, outros desenhos remetem às redes sociais. Essa articulação torna-se curiosa a partir do momento em que os ambientes digitais são considerados inimigos dos conservadores, justo os espaços em que houve circulação em massa de *fake news* (D’ANCONA, 2018) por parte de sujeitos engajados a uma FI de extrema direita. Dado que as redes sociais possibilitam aos sujeitos se manifestar, independente do acontecimento discursivo, dizibilidades desconstruídas dos preceitos tradicionais podem aparecer na *timeline* de quem se designa conservador, reverberando na criação de discursos que passam “[...] do não legitimado para o legitimado quando outros usuários o propagam” (QUINTANA; SOUZA; SANTOS, 2019, s/p) – por exemplo, no caso de as redes sociais serem manipuladas pela esquerda.

As últimas marcas remetem-se às mídias tanto digitais quanto televisivas, são elas: a *Globo*, o site da UOL e o jornal *Folha de São Paulo*. Em ambos os veículos de informação, circularam, no período eleitoral de 2018, notícias sobre a campanha associadas a opiniões de comentaristas ou outras figuras públicas. Embora o foco não estivesse somente em Bolsonaro, tais veículos rebatiam, na maioria das vezes, críticas do presidente sobre suas matérias e o conteúdo nelas abordado. Marcadas no corpo da mulher “feminista de esquerda”, a designação de filiação partidária explicita a afirmação de manipulação das diferenças (BANDEIRA; BATISTA, 2002) dentro de um sistema que deveria ser democrático.

Além disso, se é tão problemática a forma com que os discursos dos movimentos não tradicionais são proferidos nas redes sociais, como os símbolos

gravados na pele da feminista indicam, proponho que vejamos como ela é retratada em um batimento com a tipificação do que significa o “ser conservadora”.

Na imagem, as expressões faciais e corporais me chamaram grande atenção. No que diz respeito ao rosto, a conservadora, com sua cabeça baixa, parece triste, amedrontada e coagida. Trata-se da representação do que seria uma mulher dentro dos padrões, ocupando o lugar de oprimida. É caracterizada como religiosa, o que se materializa discursivamente pelo terço entre as mãos, o qual pode figurar também como uma arma contra a feminista. Tratando-se do corpo, a forma de segurar o terço pode simbolizar o clamor por segurança a ela e ao seu bebê (lembrando que a representação é típica dos últimos meses de gravidez).

A mulher representa, também, a que é mãe ao passo que esta parece estar gestante, como se a feminista se mantivesse alheia ou à margem a esta possibilidade. Vestimenta simples, cabelo preso de forma discreta. Para a igreja, um sinal significante de benção e proteção vem do sinal da cruz, mas a mulher, quase imperceptivelmente e de forma curiosa, traz no lugar do sinal da cruz (testa).

Somado a essa presença gráfica, o número 17 figura inscrito de amarelo e verde – cores que, apesar de serem da bandeira brasileira, assumiram naquele pleito um segundo significado: o “patriotismo” do candidato até então do PSL, Jair Bolsonaro. Não ocasionalmente, há aí um segundo paradigma: a disputa entre a de direita *versus* a de esquerda, onde a primeira discursizada em posição de patriota e defensora dos padrões de família, sendo oprimida pela esquerda agressiva, impiedosa e marginal. Recuero (2020)²⁵ identificou que o apelo ao patriotismo é típico das práticas de fake news/desinformação nas mídias sociais digitais. A pesquisadora também enumera o alinhamento político, o conhecido sensacionalismo e a questão do pertencimento (no contraste entre um nós e um eles).

Frente a ela, em contrapartida, a feminista, em uma posição animalizada – destaco o encaixe do corpo e a saliva escorrendo – exala raiva, fúria, dominação. A feminista, além de parecer estar no aguardo por um gatilho para atacar a conservadora, também apresenta sangramento, pelos nas axilas, orelha com alargador, cabelo colorido e raspado.

²⁵ Trata-se de sua exposição na live intitulada “Inteligência artificial, mídias sociais e desinformação”, realizada em 16 de outubro de 2020, pelo Facebook, enquanto atividade do GT de Linguagens e Tecnologias da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). O encontro foi coordenado pelo Prof. Dr. Rodrigo Lima-Lopes, da Unicamp. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=JdQcY-ZpQ2A> >. Acesso em: 20 mar. 2021.

Diante dessas descrições, posso dividi-las em três blocos. O primeiro, trata-se das representações imaginárias sobre o corpo feminino, resultados de projeções (PÊCHEUX, 1969). Historicamente, as mulheres têm seus corpos atravessados por uma memória construída e reafirmada discursivamente pelo que se considera natural nos padrões de estado fixo do feminino. Então, se, para a AD, a memória é pensada em relação ao discurso (MOTA, 2017), o movimento de representar as feministas de maneira estereotipada (pelo cabelo, pelos e alargador) e negativa (pela agressividade) estabiliza e sustenta uma memória discursiva (PÊCHEUX, 2010) que afeta diretamente nas condições de produção que serão, futuramente, registradas como memória institucional (ORLANDI, 2010).

Trabalhos como os Hooks (2018) e Duarte (2019), já citados aqui, destacam como as feministas falam a respeito dessa memória (imagem negativa, má fama) e o fazem a partir da própria concepção do feminismo. Completando o sentido animalesco da imagem, observo, também, um padrão de estereótipo feminista, como aquela que é masculinizada e suja. O cabelo moicano, corte culturalmente masculino, corpo musculoso, com pelos espalhados pelo corpo, nas axilas, nos braços e nas pernas em abundância. O estereótipo de “sujeira” pode ser reforçado pela imagem do sangue no chão, aquela que não cuida de suas características femininas, ou não se importa com elas, já que carrega sangue nas mãos, enunciado imagético que materializa essa falta de cuidado. Outra metáfora para este sangue é que pode ser as mãos sujas de sangue de mulheres dentro do padrão, como a que ela parece oprimir.

Questões sobre o aborto também perpassam a publicação. Para mim, o mais relevante é olhar para a figura da feminista ensanguentada e relacionar à menstruação. Todavia, volto meu olhar para as contradições entre os elementos designados às (duas) mulheres estereotipadas. O direito feminino de decidir sobre a manutenção ou não de uma gravidez indesejada perfaz, inclusive, importante pauta dentro do feminismo. Para Biroli (2014, p. 123), “[...] o acesso a informações e recursos permitem à mulher o controle sobre sua vida reprodutiva”. Dessa forma, discussões sobre o ato vêm sendo fundamentais para a eliminação do procedimento ilegal e compulsório. Entretanto, o sentido idealizado de maternidade permanece recorrente como se correspondesse à concepção de todas as mulheres.

Nessa perspectiva, a figura da conservadora encontra-se acuada e oprimida por uma suposta “imposição” de que ela não deveria ter esse filho, uma vez que estaria indo “contra” (reforço as aspas) o que o movimento defende. Enquanto isso, a feminista pode ser lida como alguém capaz de já ter praticado o aborto (por isso o sangramento). Filiada à memória de reivindicação por direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, encontro a tentativa de irrupção sobre a luta política de corpos por emancipação e paridade.

O último bloco diz respeito à religião. Em função da pauta sobre o aborto, os sujeitos associam o movimento feminista contra o catolicismo²⁶ – porque se opõe à tal reivindicação. Dessa forma, a representação de um terço na mão da conservadora pode assumir o efeito de (des)caracterização do posicionamento religioso das mulheres que se filiam ao movimento. Althusser (1985, p. 111) afirma que o enunciado “[...] a família é por essência sagrada” já está preso no imaginário da sociedade.

Logo, é nesse processo que se manifestam as ideologias e, com elas, a repressão (ALTHUSSER, 1985). Na prática, significa que, se o sujeito se diz religioso, ele deve realizar todas as ações que vão vinculá-lo a tal campo, assim a ideologia não se dá somente no âmbito das ideias, mas também no das ações. Com isso, chega-se à fórmula equivocada: feminista + religião = falso/negativo. No entanto, o trabalho simbólico da incompletude (PÊCHEUX, 1990), o fluxo de sentidos sob um mesmo viés e contradição (ORLANDI, 1995), os deslizos dos quais os objetos ideológicos estão passíveis, possibilitam ao indivíduo, interpelado pelas várias ideologias em circulação, transitar em suas posições-sujeito distintas.

Ainda no curso dessa reflexão, pondero olharmos para uma questão que não deveria passar despercebida. De imediato, talvez fique difícil ver que as duas mulheres representadas, tanto a conservadora quanto a feminista, são negras. A pele mais clara e o cabelo liso da esquerdista podem confundir quem acredita serem essas as únicas circunscrições corporais que caracterizam a negritude de alguém. Todavia, os traços faciais, como nariz e boca grossos, também integram esse conjunto.

²⁶ Importante pontuar a existência, desde 1993, de uma ONG, cujo movimento conta com integrantes da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos, chamada “Católicas pelo direito de decidir”. Dentre outras pautas, as participantes defendem a laicidade do Estado. Mais informações estão disponíveis em: <<https://catolicas.org.br/>>. Acesso em: 28 fev. 2021.

Agora que fiz tal apontamento, mostro que não seria confluyente à ordem discursiva da direita tradicional representar a conservadora, civilizada, salva, oprimida como negra e a feminista, animalizada, agressiva, opressora sendo branca, uma vez que, o alcance das massas requer a assunção de estratégias discursivas por meio das quais “povo” se identifique, no contato com a imagem.

Soma-se ao potencial de circulação do Facebook o fato de que a classe “opressora branca” não tem interesse em ser reconhecida na posição estereotipada pela figura feminista. Digo isso porque já discuti, no decorrer de todo o capítulo dois, como as negras são inferiorizadas em relação às brancas que fazem parte dos padrões de feminilidade tão difundidos em nossa sociedade. O processo de relatividade, aliás, é posto por Pêcheux (2009, p. 101) como “[...] suporte do pensamento contido em uma outra proposição” e “[...] funciona como uma evocação lateral para se pensar o objeto da proposição de base”. Sendo assim, vejo pré-construídos os traços que constituem e se encontram circunscritos no discurso desses sujeitos – que procuram denunciar um movimento *relativizando* outro.

Para continuação do meu gesto de análise, passo, agora, a tratar de uma sequência de SDs ligada a um sujeito feminino bastante conhecido. Como já expliquei na introdução deste trabalho, em 2016, a presidenta Dilma Rousseff, filiada ao PT, no exercício de seu segundo mandato, foi destituída de suas funções, e o vice, Michel Temer, ascendeu ao poder. Após esse acontecimento, o país dividiu-se entre pessoas favoráveis à restituição da representante e os apoiadores de sua retirada da presidência. Na eleição subsequente, em 2018, sob o argumento de renovação política e sustentação da suposta incompetência do sujeito político-feminino de governar, o discurso conservador ganhou força nas plataformas midiáticas.

Durante o período em questão, foi notório o engajamento da sociedade em pautas de campanha nas redes sociais, entretanto, para além disso, páginas inteiras, a exemplo de uma das escolhidas para este trabalho – a *Jovens de Direita*, investiram na disponibilização/propagação de discursos de ódio contra populações historicamente segregadas – como indígenas, negros, LGBTs e mulheres (como tenho reiterado desde o início da dissertação).

Sendo a única mulher a concorrer em alguma chapa durante o segundo turno, Manuela d’Ávila foi personagem emblemática na corrida eleitoral. Antes de integrar a

equipe de Haddad como vice (pelo PT), ela foi anunciada como pré-candidata para o cargo de presidenta pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Com a oficialização da candidatura Haddad/Manuela, ela passou a ser discursivizada como quem se submeteu a ocupar um cargo político secundário, em prol de um homem.

Por ter aceitado a posição de vice e imersa nos discursos sobre a incapacidade feminina, derivados dos mandatos e da destituição de Rousseff, Manuela foi alvo de manifestações violentas e misóginas, de cunho capacitista. Nesse cenário, o feminismo e as questões de gênero foram empregados como formas atrativas para consumo, replicações de notícias falsas e para a distorção de lutas que foram e continuam sendo fundamentais.

Diante da historicidade pertinente, escolhi analisar os comentários de deslegitimação do sujeito político-feminino em duas postagens das páginas *Jovens de Esquerda* e *Jovens de Direita*, no *Facebook*, sobre a entrevista concedida por Manuela d'Ávila, pré-candidata à presidência pelo PCdoB, ao programa *Roda Viva*. A proposta se faz necessária na medida em que discussões dadas como vencidas são relacionadas politicamente com o apagamento e a negação de direitos já adquiridos pelas mulheres.

Figura 9 – Sequência Discursiva 2 – Publicação da página *Jovens de Esquerda*



Fonte: Print realizado pela autora em 02 maio 2019. Conteúdo disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/posts/868955323305647>>. Acesso em: 02 maio 2019.

A SD 2 trata da pré-candidatura, ou seja, diz respeito ao processo anterior à indicação formal de algum candidato a um cargo político pelo partido ao qual ele é filiado. No processo, há o afinamento entre as causas defendidas pela legenda e as propostas empreendidas pelo possível representante. Antes de ser confirmada como presidenciável pelo PCdoB, no dia 01 de agosto de 2018, Manuela d'Ávila já auxiliava na divulgação dos projetos do partido, como filiada a ele. Esse evento corresponde à participação da pré-candidata no “Roda Viva”, da TV Cultura,

tradicional produtor de debates políticos. Partindo do referido acontecimento, as páginas do *Facebook*, *Jovens de Esquerda* e *Jovens de Direita*, postaram, em suas linhas do tempo, conteúdos correspondentes à presença de d'Ávila no episódio.

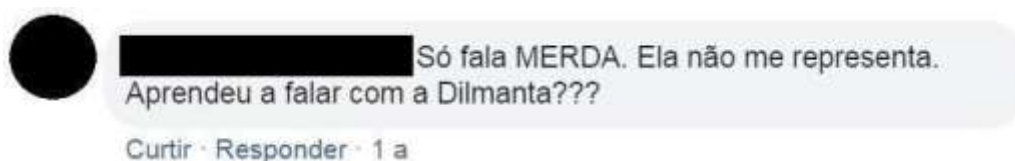
Na página de esquerda, os administradores não adicionam nenhuma legenda, mas compartilham a publicação da Secretaria Nacional de Mulheres do PT (SNMP), a qual contém uma denúncia sobre as 62 interrupções que Manuela sofreu por parte dos entrevistadores. Conforme Orlandi (2015, p. 46) “[...] o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à [...]”. Ao assumirem uma posição, um lugar no dizer, filiada a uma FD anti-machista, os administradores questionam o silenciamento do sujeito político-feminino em um lugar de exposição de ideias.

Na descrição, a página da SNMP denuncia “[...] como as mulheres ainda não são bem aceitas na política”, colocando em cena tanto a iniciação recente da mulher em alguns dos cargos públicos eletivos existentes nesse segmento, quanto o seu número reduzido nas casas executivas, legislativas e judiciárias.

Segundo Miguel (2014, p. 94), “[...] fica claro que a abolição das barreiras legais não representou o acesso a condições igualitárias de ingresso na arena política. Entraves de diferentes naturezas continuam em vigor”. Por uma série de estereótipos sociais, os quais continuam designando às mulheres o lar, o matrimônio e a imagem de fragilidade, frequentes são as tentativas de interromper o exercício livre das capacidades físicas e intelectuais do sujeito feminino.

Ao final da publicação, as moderadoras convidam: “vamos mudar isso juntas?”, indicando, com o verbo “mudar” e o adjetivo “juntas”, uma ação de modificação político-social liderada por mulheres, como o iniciado pelo feminismo. A SD 3, a seguir, recortada no nível dos comentários, é um exemplar dos engajamentos por internautas no que diz respeito à deslegitimação de Manuela na *Jovens de Esquerda*:

Figura 10 – Sequência Discursiva 3 – Comentário da postagem de *Jovens de Esquerda*



Fonte: Print realizado pela autora em: 02 maio 2019. Conteúdo disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdeesquerda/posts/868955323305647>>. Acesso em: 02 maio 2019.

Na SD 3, produzida por um avatar feminino, podemos notar a associação direta de Manuela com a imagem da ex-presidenta Dilma Rousseff. Nas derivas proporcionadas pelos sentidos, a sentença “Só fala MERDA [...]” faz referência à d’Ávila, centro da notícia publicada. O advérbio “só”, usado para limitar a ação “falar”, é seguido do adjetivo “merda”, palavra utilizada com teor pejorativo. Abrindo espaço para uma relação sinonímica de “ignorância” ou “incompetência”, o enunciado é direcionado de forma a capacitar intelectualmente aquilo que d’Ávila é capaz de falar. Para tanto, o usuário da rede utiliza a palavra “MERDA”, em caixa-alta, como quem grita ou exprime descontentamento, em uma tentativa de caracterizar o tipo de “fala” da candidata.

No período seguinte, em “ela não me representa”, há o pronome pessoal do caso reto “ela”, substituindo o nome da pré-candidata, seguido de negação. No enunciado, a relação estabelecida aponta para a designação de uma mulher como alguém que englobaria as urgências de todas as outras, apenas por estar em foco na mídia – assim como a presidenta Dilma já esteve – ou em um lugar de fala privilegiado. O fator identitário é levantado como se Manuela suprimisse as suas características e assumisse a posição de quem age em nome de todas as brasileiras.

Por último, temos o questionamento: “Aprendeu a falar com a Dilmanta?”, o qual sugere que Manuela tenha aprendido a falar em público com a Dilma Rousseff. A composição por aglutinação em “Dilmanta”, decorrente da junção do nome próprio “Dilma” ao substantivo comum “anta” – animal que, segundo ditos populares, é um símbolo de ignorância – recupera a grande repercussão da imagem de Rousseff como alguém com falta de habilidade para se comunicar. A oposição da ex-presidenta, empregando mecanismos de inferiorização, vinculou-a à produção de declarações confusas devido à forma como respondia, por vezes, aos jornalistas – a exemplo da declaração: “Não acho que quem ganhar ou perder, nem quem ganhar nem perder, vai ganhar ou perder. Vai todo mundo perder”. Na época de sua destituição, ditos inferiorizantes atingiram à historicidade (ORLANDI, 2015) como valor de verdade.

A internauta, então, demonstra um duplo desprezo: pelos “equivocos” e pela suposta incapacidade de Manuela/Dilma de responderem aos entrevistadores, como pessoas não dignas de tal posição. A deslegitimação do sujeito político feminino

incide, principalmente, pelo gênero com o qual a candidata se identifica, o qual agrega peso significativo no processo.

Na página *Jovens de Direita*, Manuela também foi objeto de postagem, como consta na SD 4, a seguir:

Figura 11 – Sequência Discursiva 4 – Publicação da página *Jovens de Direita*



Fonte: Print realizado pela autora em: 02 maio 2019. Conteúdo disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdedireita/posts/2075769952665266>>. Acesso em: 02 maio 2019.

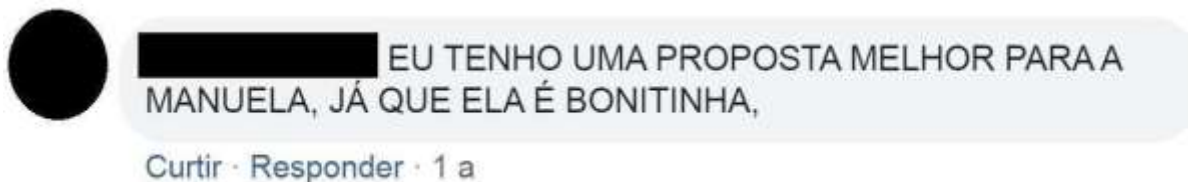
A página de direita também compartilhou a publicação de outro perfil e adicionou, na descrição, uma crítica ao modo de responder a perguntas daqueles que chamaram de “esquerdos”. O sujeito “Esquerdos”, com a letra inicial maiúscula e

a flexão de número, caracteriza-se como a designação de uma coletividade. Quando adota essa forma escrita, pode ser estabelecida uma relação de oposição entre “direitos” e “esquerdos”, na qual os primeiros seriam os certos/votáveis, e os segundos seriam os errados/não-votáveis.

Para qualificarem o perfil de Manuela, os administradores utilizam a “psicodelia” e a incapacidade de responder a questionamentos de modo inteligível. O primeiro termo, no senso comum, pode se ligar à desvinculação de um indivíduo com o real e geralmente é associado ao uso de drogas. A ação do entorpecente sobre o corpo da pré-candidata a desqualificava para ocupar qualquer cargo de responsabilidade do país, pois ela estaria com as funções de seu organismo modificadas. Sob a junção das duas caracterizações, os moderadores da página definem d’Ávila como alguém irresponsável e insuficiente para ser presidenta. Dadas as condições de produção para a circulação dos *discursos ordinários* no Facebook, nos comentários do *post* da *Jovens de Direita* são frequentes: a sexualização de Manuela d’Ávila, a sua desqualificação como sujeito político e seu silenciamento, para uma interdição posterior.

Adentrando a parte dos comentários, trago, a seguir, a SD 5:

Figura 12 – Sequência Discursiva 5 – Comentário na página *Jovens de Direita*



Fonte: Print realizado pela autora em: 02 maio 2019. Conteúdo disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdedireita/posts/2075769952665266>>. Acesso em: 02 maio 2019.

Na SD 5, o avatar masculino afirma que tem “uma proposta melhor para a Manuela, já que ela é bonitinha”. No momento em que o comentário foi realizado, o seguimento da vida pública da candidata apontava para o desejo de continuidade de sua carreira, expresso, inclusive, pela presença dela no debate do programa *Roda Viva*. A frase “proposta melhor”, assim, aponta para uma oferta que ocasionaria em mais benefícios para a presidenciável. Na continuidade do enunciado, no entanto, a locução conjuntiva “já que” nos leva a uma relação causal sobre o período anterior, produzindo o efeito de que a promoção oferecida à d’Ávila só seria realizada porque ela atende a certa prerrogativa corpóreo-facial: “é bonitinha”.

Embora meu foco neste trabalho recaia em torno de discursos produzidos por mulheres, escolhi contemplar a SD 5 também para ilustrar como o sexismo está internalizado na maneira com que são tratadas candidatas em nosso país. Com base nas teorizações levantadas anteriormente, vemos que o *sujeito ordinário* associa a realização profissional da pré-candidata à sua aparência física, limitando-a a ocupar o lugar de mulher bonita, não competente. Retornam à memória, desse modo, as lutas empreendidas pelas primeiras reivindicações públicas, realizadas pelos movimentos feministas, contra a opressão masculina e o enquadramento que os homens faziam das mulheres em posições estéticas e patriarcais – materializadas na característica “positiva” que o internauta atribui à Manuela: ser bonitinha.

Nos deslizes de sentido próprios do discurso, observo, ainda, a sexualização do sujeito (político-)feminino. Em uma FD machista, a proposta oferecida para concorrente pode dizer respeito a questões que atrelam a mulher ao sexo e à função reprodutiva, como alguém que serve apenas para saciar os desejos masculinos. Uma das possibilidades de sentido do sintagma nominal “uma proposta melhor”, com o núcleo “proposta”, indica uma relação mais momentânea. Logo, com a violação se materializando nas palavras do usuário, há a dissociação da imagem de d’Ávila enquanto uma pessoa apta para trabalhar, embora ela se desregule da posição de submissão e assuma um protagonismo político-midiático.

A associação da mulher com a beleza e a delicadeza se popularizou com a expressão “bela, recatada e do lar” após Marcela Tedeschi Araújo Temer, esposa de Michel Temer, posar para a capa da revista VEJA na reportagem “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”. Segundo Fernandes e Santos (2018, p. 114),

Marcela é enaltecida como modelo de mulher ideal, que está dentro dos padrões estéticos de beleza, que não quer chamar a atenção, preferindo ser discreta, e que gosta de cuidar de sua família e de seu lar.

Ao ser desligada do perfil discursivo de “recatada e do lar”, ou seja, daquela que deseja se dedicar à família, ao marido e aos afazeres domésticos, Manuela, apesar de “bela”, foge de tais moldes e, por isso, não apenas é sexualizada, mas também é classificada como alguém que merece outra proposta.

Na esteira de Garcia, Lunkes e Dela Silva (2019, p. 241-242), acredito que “[...] o imaginário [...] permite, na contemporaneidade, a formulação outra dos

dizeres sobre a atuação social da mulher, por tanto tempo restrita ao espaço da casa e às instâncias do casamento e da maternidade”. Ressalto, por fim, que, quando o indivíduo marca a beleza da presidenciável como sendo uma justificativa para outorgá-la outra função, presentifica-se a deslegitimação de d’Ávila como uma potencial candidata à presidência – produto de seu desligamento de uma filiação machista para poder existir e atuar politicamente.

Na análise das SDs de 2 a 5, realizada a partir de *prints* dos comentários regulares nas duas postagens, problematizei a permanência de discursos conservadores no Brasil, ainda no século XXI, com todas as urgências, demandas sociais e reivindicações das mulheres. Utilizados como base para o exercício da dominação, do apagamento e do silenciamento do feminino, tais enunciados sustentam o licenciamento da interdição das mulheres, quais os discursos (não) permitidos para elas, os locais que (não) podem ocupar e quais ações os seus corpos (não) devem realizar.

Apesar de o acontecimento discursivo apresentado nas duas páginas tratar de um sujeito político feminino em destaque nas mídias tradicionais, na forma da entrevista de Manuela d’Ávila para o programa *Roda Viva*, as manifestações de internautas ultrapassam as divergências político-ideológicas e se instalam na deslegitimação daquele corpo justamente por se tratar de uma mulher. Considero, pelas análises, que mesmo ocupando uma posição de visibilidade social em comparação com outras tantas vozes que não conseguem, ao menos, ser ouvidas, o sujeito feminino continua sofrendo ataques oriundos de uma sociedade engendrada em discursos patriarcais e conservadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hardware e software tornaram-se quase extensões do corpo humano, de forma que tanto os nativos digitais (MANOVICH, 2006) quanto os adaptados os trazem consigo o tempo todo. Sua principal interação humana acontece através de seus avatares (RECUERO, 2014) que pertencem as redes sociais online que, no processo de avanço da internet, revolucionaram a indústria da comunicação ao passo que esta agora é feita através também das redes sociais online (INDURSKY, 2017), permitindo a circulação de informação, que passa a receber novas fontes e olhares tornando algo estático e incontestável para interação discursiva.

Antes de este trabalho se concretizar, passei por um outro percurso onde observações realizadas pela convivência estabelecida em meu cotidiano familiar, assim como na sociedade brasileira e em redes sociais *offline* e *online*, me renderam um TCC, mas que buscava apenas delimitar fatores que levavam as mulheres oprimidas a se identificarem com discursos machistas e ditos do senso comum de modo a oprimir também outras mulheres ao aderir à mesma formação discursiva. Naquele estudo, tencionava também identificar os aparatos fornecidos pela rede social usados como veículo para a reprodução dos discursos. Obtive como resultado que a apropriação feminina de discursos machistas era resultante da historicidade de uma sociedade tradicionalmente conservadora e machista. A conclusão foi satisfatória, pelo menos até o ano de 2018, quando o Brasil passou por um momento político e social delicado.

Em 2016, um golpe arrancou a presidenta eleita, Dilma Rousseff, do cargo. Com esse fato, tornou-se necessária a revisitação do objeto de pesquisa devido ao aumento dos ataques à comunidade feminina. Após esse período, as massas já estavam também divididas entre os que acreditavam que uma “justiça” havia sido feita e aqueles que ainda clamavam por justiça após a condenação do ex-presidente LULA. O contexto de insegurança cresceu com intensificação dos discursos de ódio não só contra população feminina e suas conquistas, mas contra todas as classes historicamente marginalizadas.

Em 2018, o ano eleitoral foi cheio de instabilidades e tomou força um “discurso do encorajamento”, vindo de um dos candidatos que estava em foco na mídia, causando aceitação e disseminação de ideais simpatizantes, funcionando como o que chamei de Discurso-bumerangue. Especificamente para comunidade

feminina, a crescente apropriação de discursos machistas e ditos do senso comum pelos avatares de sua própria comunidade tornou este estudo necessário, pois os “discursos-bumerangue”, estavam cada vez mais evidentes.

Os discursos machistas-extremistas e em resposta os feministas-extremistas (esta categoria traz significado deturpado acerca dos feminismos – conforme problematizei no capítulo 2) nas páginas do *Facebook*, estavam em toda partes, tornando o digital uma zona de guerra de gêneros.

Os pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso francesa, alicerçados nos estudos de Michel Pêcheux, serviram para nortear esta pesquisa que teve por objetivo geral analisar a apropriação do discurso extremista - feminista e machista – por perfis/avatares apresentados como femininos nas páginas do Facebook Jovens de Esquerda e Jovens de Direita. Enquanto condições de produção, estiveram em voga as eleições de 2018 e a situação de instabilidade social pela qual o país se encontrava

Considerando o pleito presidencial, analisar as interações em rede tornou possível observar regularidades e dispersões nos discursos, daí a importância do Facebook para as pesquisas acadêmicas, uma vez que configura um instrumento poderoso na promoção de acontecimentos discursivos que viabilizam a escrita da história no país.

No capítulo 1, fiz a contextualização do período histórico em que vivemos no que diz respeito aos artefatos tecnológicos, suas consequências sociais e possíveis vantagens para a academia. Para tanto, contei com contribuições dos trabalhos de Castells (2008) e Recuero (2009). Na direção de adentrar o universo das redes sociais, sobretudo o Facebook, acionei pressupostos de Manovich (2006), Castells (1999), Penteado (2012), Gallo (2011), Souza (2001), Recuero (2009; 2011; 2012), Silveira (2016), Gallo (2011), Dias (2005), Ellison, Steinfield & Lampe (2007), Boyd (2007), Adorno e Silveira (2018), Gallo e Silveira (2017), Grigoletto (2015; 2017), Nunes, Lehfeld e Silva (2020), Foucault (2001; 2013), Primo (2006), Grigoletto (2017).

Na sequência, ao refletir em torno da cientificidade da teoria discursiva, descrevi o método usado pela AD, considerando suas raízes linguísticas, assim como alguns de seus conceitos-chave. Nessa empreitada, foram fundamentais a leitura de Pêcheux (1975; 1997, 2009), Courtine (2006), Brait (1994), Saussure (1969), Mussalim (2009), Maltidier (2003), Orlandi (2012), Navarro (2006), Althusser

(1985), Beck e Esteves (2012), Zizek (2011), Pêcheux e Fuchs (1997), Foucault (2010) e Gregolin (2003).

No capítulo 3, entre os textos mobilizados na produção do gesto de descrição e interpretação dos enunciados, posso enumerar Santos (2019), Orlandi (1996; 2007; 2010; 2013; 2015), Pêcheux (1969), Dias (2005). Lagazzi (2010), Quintana; Souza; Santos (2019), Garcia, Lunkes e Dela Silva (2019), D'Ancona (2018), Bandeira; Batista (2002), Recuero (2020), Althusser (1985), Miguel (2014), Fernandes e Santos (2018), Mota (2017), Duarte (2019) e Biroli (2014).

Nas análises, situei as condições de produção que possibilitaram a emergência de discursos antifeministas, sobretudo ao considerar o pleito presidencial e seus efeitos de polarização política. Para montagem do arquivo e recorte do *corpus*, foram utilizados os filtros do próprio *Facebook* na busca pelas palavras “mulher” e “feminismo”. Na pesquisa, selecionei como classificação as publicações mais relevantes, em atendimento ao critério disponível na própria rede social, em detrimento de optar apenas por postagens mais recentes. Do ponto de vista temporal, restringi os resultados ao ano de 2018.

Nesse intervalo espaço temporal delimitado, resgatei publicações em que constavam, na descrição ou nos comentários, as formulações “mulher” e “feminismo”. Diante do primeiro caso, recortei e sistematizei enunciados que recuperavam esse termo em ambas as páginas, organizando-os via captura de tela. Acerca da segunda palavra de busca – “feminismo” – notei que seu uso era assumido, com regularidade, como expressão antônima à noção de machismo.

Na página *Jovens de Esquerda*, obtive 36 postagens ligadas ao “feminismo” e 50 publicações associadas ao termo “mulher”. Na *Jovens de Direita*, por outro lado, encontrei 45 postagens na busca orientada pela palavra “feminismo” e 48 publicações em que constava o emprego da palavra “mulher”. Em resumo, chama a atenção do fato de essa página contrária às ideologias que orientam o movimento feminista ser a que mais veiculou conteúdos sobre a temática.

Na coleta de dados, também foram categorizados comentários que articulavam apologias machistas. Com um volume substancial de interações que

perfizeram mais de 1455²⁷ páginas de anexos, separei os veiculados por avatares femininos, em consonância aos propósitos do estudo.

Na página Jovens de Esquerda, das 46 publicações em que constavam comentários machistas, na consulta com o termo “mulher”, via ferramenta de buscas, 32 foram produzidas por avatares femininos. Com a palavra “feminismo”, por sua vez, das 32 publicações com dizibilidades machistas na instância dos comentários, 19 eram veiculados por mulheres.

A página Jovens de Direita me proporcionou registros diferentes da anterior, uma vez que, para o filtro “mulher”, 37 postagens que demonstraram discursos machistas, 24 foram produzidas por avatares femininos. O segundo filtro utilizado foi “feminismo”, 1 postagem não recebeu comentário algum, sendo que, em 10, não observei comentários machistas pela comunidade da página, contra 37 que os continham, destes 32 eram de avatares femininos.

Como resultados da pesquisa, compreendi que no exercício da dominação, do apagamento e do silenciamento do feminino, os enunciados analisados sustentam o licenciamento da interdição das mulheres, quais os discursos (não) permitidos para elas, os locais que (não) podem ocupar e quais ações os seus corpos (não) devem realizar.

Partindo de discursos ordinários, os resultados ainda explicitam a manutenção do equívoco conceitual quanto aos feminismos, julgando-os antônimos de machismos, seguida de desumanização, animalização, sexualização e desqualificação profissional do sujeito feminista, bem como descaracterização de sua espiritualidade. Por uma série de discursos estabilizados a partir de estereótipos sociais, as mulheres continuam sendo caracterizadas sob o prisma do lar, do matrimônio e da imagem de fragilidade, em frequentes tentativas de interromper o exercício livre das capacidades físicas e intelectuais do sujeito feminino.

Defendo, portanto, o discurso-bumerangue como um discurso lançado na mídia como isca a fim de espantar/alarmar/ espalhar determinado grupo social em direção a uma armadilha política real, que supus apenas poder ser compreendida de dentro do fenômeno (como me encontro agora), ou após sua passagem. Para além disso, desconfio que os discursos-bumerangue possam fazer parte ainda de algo

²⁷ Com o número de páginas gerado e o tamanho do arquivo organizado, considerei inviável entregar o volume de *prints* como anexos ao texto da dissertação, mas não poderia deixar de citá-los aqui, já que encontro, neles, possibilidades frutíferas para estudos futuros.

maior que, por hora, classifico como efeito-eco, um conceito cuja exploração maior ficará para pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Guilherme; SILVEIRA, Juliana da. Pós-verdade e fake news: equívocos do político na materialidade digital. In: **Seminário de Estudos em Análise de Discurso**, 2018, Recife. Anais do SEAD. Recife: UFPE, 2018, v. 8. p. 1-6.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.
- ALEXANDER, M. Jacqui. **Pedagogies of crossing**: meditations on feminism, sexual politics, memory, and the sacred. Durham; London: Duke University Press, 2005.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1985.
- AMORIM, Ulliane Pereira. **Movimento FEMEN**: geopolítica e neo-feminismo. 2014. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/4239/2/Ulliane%20de%20Amorim%20Pereira.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- ARRUZZA, Cinzia et al. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BECK, Maurício; ESTEVES, Phellipe Marcel da S. O sujeito e seus modos-identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**, v. 2, n. 50, p. 135-162, 2012.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 119-141, 2002.
- BEAUVOIR, Simone. **Le deuxieme Sexe**. Gallimard Education, 1949.
- BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.
- BIROLI, Flávia. O debate sobre aborto. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e política**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 123-130.
- BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 91-114, 2015.
- BONETTI, Alinne de Lima. Eu não sou feminista, sou feminina! Relações de gênero e atuação política entre mulheres de grupos populares porto-alegrenses. In: LISBOA, Maria Regina Azevedo; MALUF, Sônia. Weidner (Orgs.). **Gênero, cultura e poder**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2004, p.133-144.
- BOURDIEU, Pierre. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta Julia Marques; MEYER, Dagmar Estermann; WALDOW, Vera Regina (Orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 29-40.

BRAIT, Beth (Org). Análise do Discurso: balanço e perspectivas. In: **Problemas atuais da Análise do Discurso** – Publicação do curso de pós-graduação em linguística e língua portuguesa – ano VIII – n. 1. UNESP – Campus de Araraquara, SP: Série Reencontros, 1994, p. 3-14.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 11. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: feminismo e mídias sociais. **Pesquisas e práticas Psicossociais**, n. 11, p. 1-11, 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: derivas da fala pública. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

DIAS, Cristiane Pereira. Arquivos digitais: da des-ordem narrativa à sede de sentidos. In: GUIMARÃES, Eduardo; PAULA, Mirian Rose Brum de (Orgs.). **Sentido e memória**. Campinas: Pontes, 2005, p. 41-56.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: **Pensamento Feminista Brasileiro**: formação e contexto. HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.25-19.

ELLISON, N. B., STEINFELD, C., & LAMPE, C. The benefits of Facebook "friends:" Social capital and college students' use of online social network sites. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), article 1, 2007.

FALUDI, Susan. **Backlash**: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. SP: Elefante, 2017.

FERNANDES, Patricia Damasceno; SANTOS, Elaine de Moraes. Os memes de "bela, recatada e do lar": uma prática social de resistência e multimodalidade discursiva. **Letra Magna**, n. 23, p. 113-133, 2018.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismo Web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**, n. 44, p. 199-228, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel Barros da. (Org.). Michel Foucault. **Ditos e Escritos**, vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**, as heterotopias. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: n.1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 dez. 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. Uma história social do feminismo: diálogos de um campo político brasileiro (1917-1937). **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)** 31, 2018, p. 7-26.

FRASER, Nancy. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 11-33, Jul/Dez. 2009.

GALLO, Solange. Da Escrita à Oralidade: um percurso em direção ao autor online. In: Branco et al (Orgs.). **Análise de discurso no Brasil**, Campinas: Editora RG, 2011, p. 411-423.

GALLO, Solange; SILVEIRA, Juliana da. Forma-discurso de escritorialidade: processos de normatização e legitimação. In: FLORES, Giovanna G. Benedetto et al (Org.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. Vol. 3. Campinas: Pontes, 2017, p. 171-196.

GARCIA, Dantielli Assumpção; LUNKES, Fernanda; DELA SILVA, Silmara. O sujeito mulher no poder e(m) processos de silenciamento. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SOBRINHO, Helson Flávio da Silva (Orgs.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 241-259.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos. (Orgs.). **Teorias Linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: UFU, 2003, p. 21-34.

GRIGOLETTO, Evandra. Embates entre memória e arquivo: Modos de dizer e (Re)Significar a figura do cangaceiro na Rede. *História Arquivo*: **Fronteiras e Intersecções-vol. I**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2015, p. 25-37.

GRIGOLETTO, Evandra. Entre a dispersão e o controle: ler os arquivos da internet hoje. In: FLORES, Giovanna Benedetto *et al*. **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia – vol. III. Campinas: Pontes, 2017, p. 145-169.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book disponível em: <<https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/downloadArquivo.jsf;jsessionid=8E65CEC88575C950C8A94D6FA1D87AA3.eventoss2?nomeArquivo=678-03062021-193913.pdf&diretorio=documentos&id=678&contexto=ciclododebatesfeminismo202>>. Acesso: 23 dez. 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira, 2013.

INDURSKY, Freda. O momento político brasileiro e sua discursivização em diferentes espaços midiáticos. In: FLORES, Giovanna Benetto Flores; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Regina Castellano; ZOPPI-FONTANA, Mônica. (Org.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. 1 ed. Campinas: Pontes, 2017, v. 3, p. 73-87.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOMESU, Fabiana. Espaços e fronteiras da “liberdade de expressão” em blogs na internet. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 49, n. 2, p. 343-357, 2010.

LAGAZZI, Suzy. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **Rua**, v. 2, n. 16, p. 01-12, 2010.

LE MOS, Marina Gazire. **Ciberfeminismo**: novos discursos do feminino em redes eletrônicas. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. Permanência e revolução do feminino. São Paulo, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MACEDO, Ana Gabriela. Pós-feminismo. **Estudos feministas**, v. 14, p. 813-817, 2006.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso**: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. ORLANDI, Eni Puccinelli. Campinas: Pontes, 2003.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**. Buenos Aires, Paidós, 2006.

MARX, Karl [1867]. **O capital** – livro 1. 2. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? **Revista de sociologia e política**, v. 18, n. 36, p. 67-92, 2010.

MIGUEL, Luis Felipe. O feminismo e a política. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Feminismo e Política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17-29.

MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais: Homossexualidades masculinas e mercado na sociedade brasileira contemporânea. **Fórum Permanente Sociedade e Desenvolvimento**: Impactos da internet e das mídias móveis no desenvolvimento social. Campinas: Brasil, 2015.

MITTMANN, Solange. O conservadorismo em comentários na rede: identidade, alteridade e contradição. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange (Orgs.). **O acontecimento do discurso no Brasil**. Campinas: Mercado das Letras, 2013, p. 233-248.

MOTA, Ilka de Oliveira. O corpo colonizado: as representações imaginárias sobre o corpo feminino em uma revista erótica brasileira. In: FONTANA, Mônica G. Zoppi; FERRARI, Ana Josefina (Orgs.). **Mulheres em discurso**: gênero, linguagem e ideologia. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 189-205.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. vol. 2. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-166.

NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 67-92.

NUNES, Danilo Henrique; LEHFELD, Lucas de Souza; SILVA, Jonatas Santos. CIBERTERRORISMO: a internet como meio de propagação do terror. **Revista Húmus**, v. 10, p. 209-234, 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Efeitos do verbal sobre o não verbal. **Rua**, Campinas, n. 1, p. 35-47, 1995.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA** [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/pages/home/capaArtigo.rua?id=91>. Acesso em: 25 fev. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico**. 6. ed. Campinas: Pontes editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. São Paulo: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. de Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. (1988). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4ª. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Gestos de leitura**. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010, p. 49-59.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectiva. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução de Péricles Cunha. 3. Ed. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997, p. 163-252.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo. Facebook e campanha eleitoral digital. **Em Debate – Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política**, Belo Horizonte, n. 4, p. 41-53, jul. 2012.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília. Anais, 2006, p. 1-15.

QUINTANA, Monalisa Iris; SOUZA, Ana Beatriz S. Brandão; SANTOS, Elaine de Moraes. Fronteiras culturais e identitárias: análise da manifestação de discursos de ódio em comentários no Twitter. **Anais do V Seminário Internacional em Estudos da Linguagem**, Cascavel, 2019, p. 1-15.

RECUERO, Raquel; ZAGO, G. Em Busca das redes que importam. **Líbero**, Vol. 12, Nº. 24, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6787/6129>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

RECUERO, Raquel. As redes sociais na internet e a conversação em rede. **CISECO - Centro Internacional de Semiótica e Comunicação**, 2012. Disponível em: <<http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/108-as-redes-sociais-na-internet-e-a-conversacao-em-rede>>. Acesso em: 9 mar. 2019.

RECUERO, Raquel. Métricas de Centralidade e Conversações em Redes Sociais na Internet: Desvelando Estratégias nos Debates Presidenciais de 2014. In: **VIII Simposio Nacional da ABCiber**, 2014, São Paulo. Anais do 8o Simpósio Nacional da ABCiber, 2014. v. 1, p. 1-20.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SANTOS, Elaine de Moraes. A produção de um policorpo para Dilma Rousseff nas eleições presidenciais de 2010: uma análise discursiva dos semanários brasileiros. **Acta Scientiarum** (UEM), v. 39, p. 419, 2017b. Disponível em: <Periodicosuem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/34021/pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

SANTOS, Elaine de Moraes. Efeitos discursivos e a escrita da história política no Brasil de 2018. In: FLORES, Giovanna Benedetto, *et al* (Org.). **Discurso, cultura e mídia:** pesquisas em rede. Santiago: Oliveira Books, 2019, p. 422-436.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1969.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de [org.]. **Pensamento Feminista** – Conceitos Fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 50-83.

SILVA, Edlene Oliveira. Internet, estupro, assédio sexual e ativismo na campanha online “primeiroassédio. In: **Relatos, análises e ações no enfrentamento da violência contra mulheres.** Organização Cristina Stevens, Edlene Silva, Susane de Oliveira, Valeska Zanello, Brasília, DR: Technopolitik, 2017, p. 200-233.

SILVEIRA, Juliana da. **Rumor(es) e Humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter.** 2015. 200 f. Tese (Doutorado) – Curso de Doutorado em Letras, Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

SILVEIRA, Juliana da. O efeito de rumor na discursivização do corpo político-midiático: as imagens rumorais. **Redisco**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, / p. 57-80, 2016.

SOARES, Pricilla Farina. A propagação da violência online: análise de enunciados violentos emitidos à torcedora acusada de racismo contra goleiro Aranha. **Verso e Reverso**, v. 30, n. 73, p. 23-33, jan./ abr. 2016.

SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestações de violência simbólica? **Estudos de sociologia**, v. 13, n. 24, p. 191-207, 2008.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **VÉRTICES**, Campos dos Goytacazes, volume 15, nº 1, p. 127-148, janeiro a abril de 2013.

THOMAS, D. O movimento feminino. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, p.17, 19 a 25 de ago. 1982.

XAVIER, Vicentina dos Santos. **“A mulher na Boca do povo”** – os ditos no discurso do senso comum. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Em defesa das causas perdidas**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ANEXOS